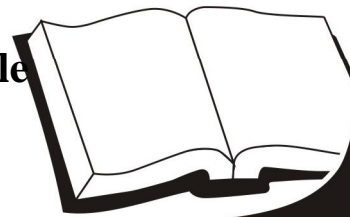


O QUE É SALVAÇÃO

O que Deus faz por nós e em nós

Hans K. LaRondelle



**Professor de Teologia na
Universidade Andrews,
Michigan, Estados Unidos
Título do Original em Inglês:
CHRIST OUR SALVATION
Tradução de Francisco Alves de Pontes
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Tatuí – São Paulo**

ATENÇÃO: Este livro pode mudar sua vida! Ele contém uma resposta simples para o pecador e ao mesmo tempo um desafio para os teólogos. Exatamente porque a salvação pode ser explicada com simplicidade, embora seja um tema inesgotável. Cem anos depois da histórica reunião de Mineápolis, que recolocou a justificação pela fé como doutrina fundamental, a melhor maneira de comemorar é acompanhar o Dr. LaRondelle na compreensão desse magnífico tema.

ÍNDICE

Prefácio	3
Introdução	5
1. Eleição Divina e Providência	8
2. O Evangelho da Reconciliação	21
3. Justificação	42
4. Santificação	56
5. Glorificação	83

PREFÁCIO

As estantes das bibliotecas de religião e teologia estão repletas de livros explicando o plano da salvação. Contudo, a despeito da enorme quantidade de livros sobre esse assunto, os seres humanos apenas entreabriram a porta do ilimitado depósito do conhecimento de Deus. Neste volume, o Dr. LaRondelle abre as portas de par em par, revelando um belo conteúdo, inspirador e informativo, repleto de passagens escriturísticas. Tal enfoque é especialmente satisfatório num tempo em que muitas obras sobre o tema estão saturadas de idéias e palavras humanas. Por isso, podemos recomendar o autor por fundamentar tão solidamente seus escritos na Palavra.

Aqueles que ouviram o Dr. LaRondelle, quer seja na sala de aula, quer seja na congregação, compreenderão o que quero dizer quando afirmo que ele é um pregador-professor tão bom quanto um professor-pregador. Tem uma maneira extraordinariamente poderosa e cativante de apresentar a verdade, no púlpito ou na sala de aula. Concílios ministeriais, universidades, seminários e igrejas em todas as partes do mundo têm sido abençoadas por suas conferências e sermões. Seminaristas afluem às suas aulas de doutrina da justificação pela fé. Portanto, damos as boas-vindas a este volume de reflexões soteriológicas de LaRondelle. Estimula nosso apetite espiritual pelo Pão do Céu que nos alimenta para a eternidade.

Nos cinco capítulos que compõem *O Que é Salvação*, o autor abrange o amplo escopo do plano divino da salvação começando com a eleição e terminando com a glorificação. Alguns dos conceitos podem não ser novos, porém, redescobri-los é de vital importância. A focalização contínua da mente nos temas da salvação é absolutamente necessária se quisermos manter uma sensível apreciação do que nosso Senhor fez e está fazendo para trazer vida e imortalidade a homens e mulheres perdidos. E aquelas idéias que para nós constituem novidade servem para estimular e expandir nossa compreensão do maravilhoso caráter de Deus.

Nas páginas seguintes, o Dr. LaRondelle se apoia em uma cuidadosa base escriturística quando trata de assuntos como eleição bíblica (ou predestinação); os erros do universalismo e do moralismo religioso; as amplas perspectivas da obra expiatória de Cristo (a teologia evangélica tem geralmente focalizado apenas a cruz, excluindo outros aspectos importantes); a justificação e a justiça feita nossa através da graça pela fé somente em Jesus Cristo; a relação do batismo com a doutrina da santificação (esse assunto iluminou mais veredas em meu pensamento do que qualquer outra parte do livro); perfeição; glorificação e o princípio de que o plano divino da salvação alcança de eternidade a eternidade.

A iniludível impressão que recebi da leitura do manuscrito reafirma a unidade das Escrituras. As necessidades humanas e a resposta de Deus a essas necessidades são as mesmas no Antigo e em o Novo Testamento. Ao desenvolver seu assunto, o Dr. LaRondelle habilmente delineou a entrelaçada trama da Palavra de Deus do Gênesis ao Apocalipse.

Meu coração foi aquecido e minha determinação de servir ao Senhor foi reforçada como resultado de ter o Dr. LaRondelle partilhado conosco sua compreensão do evangelho. Seu enfoque é integral, não fragmentado. A todos os que buscam uma visão mais clara do procedimento de Deus com a humanidade caída, na qual todos nós estamos incluídos, recomendo entusiasticamente o estudo profundo deste volume.

J. R. Spangler
Editor da Revista *Ministry*

INTRODUÇÃO

Uma generalizada confusão prevalece entre os cristãos acerca do que a Bíblia entende por "salvação". Alguns limitam a salvação a um perdão legal dos pecados, equiparando-a com a justificação pela fé. Outros incluem na salvação a experiência do novo nascimento pelo Espírito.

Na Bíblia, as boas-novas da salvação incluem em acréscimo à justificação, novo nascimento e santificação – a glorificação e imortalização do corpo e da alma. Portanto, a salvação é mais do que um conceito bíblico; é uma experiência de fé que redime nosso passado, enche de gozo nosso presente e aguarda com esperança um futuro glorioso.

Alguns alimentam a idéia de que a salvação é uma recompensa por aceitar certas doutrinas da igreja; outros, por observar, da melhor maneira possível, as leis de Deus, especialmente os Dez Mandamentos.

Na Bíblia, por surpreendente que pareça, a salvação não é algo que o homem obtém por suas próprias obras, desejos ou pensamentos. A salvação é um dom de Deus! Esse dom é Deus mesmo, manifestado em Seu Filho, Jesus Cristo. A Fonte da salvação é uma Pessoa.

Davi testificou triunfalmente: "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo?" Sal. 27:1. "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa; dEle vem a minha salvação. Só Ele é a minha rocha e a minha salvação, o meu alto refúgio: não serei muito abalado." Sal. 62:1, 2.

O profeta Isaías confortou a Israel com a promessa de que um dia todo o povo de Deus haveria de cantar:

"Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o Senhor Deus é a minha força e o meu cântico; Ele Se tomou a minha salvação." Isa. 12:2.

Porém, mais especificamente, o Novo Testamento revela que a salvação humana é encontrada somente no Filho de Deus, o Messias de Israel. Quando o idoso Simeão entrou no átrio do templo e viu o menino Jesus sendo dedicado a Deus nos braços do sacerdote, ele orou: "Agora, Senhor, despedes em paz o Teu servo, segundo a Tua palavra; *porque os meus olhos já viram a Tua salvação*, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do Teu povo de Israel." S. Luc. 2:29-32.

Posteriormente, o apóstolo Pedro, cheio do Espírito Santo, testemunhou corajosamente diante dos líderes judeus em Jerusalém de que Cristo era a pedra "rejeitada" que Deus tinha exaltado à posição de pedra angular de Seu templo: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." Atos 4:12.

Assim, a palavra apostólica da verdade, "o evangelho da vossa salvação" (Efés. 1:13) é a revelação de Jesus Cristo como Salvador. Cristo é o evangelho personificado. Somos advertidos a não desviar nosso centro de louvor de Cristo para uma mensagem acerca de Cristo: "Não devemos louvar ao evangelho, mas a Cristo. Não devemos adorar

ao evangelho, mas ao Senhor do evangelho." – E. G. White, manuscrito 44, 1898; citado no *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 7, pág. 907.

O evangelho de Cristo não é uma filosofia ou uma ideologia, mas *o poder de Deus* para a salvação de todos os que crêem de todo o coração em Cristo como seu Salvador pessoal e Regente de sua vida. Rom. 1:16.

O fato escriturístico de que Cristo deveria vir duas vezes do Céu para este planeta a fim de completar o divino plano da redenção traz consigo uma tensão inerente entre a dimensão presente da salvação (o "já") e a futura (o "ainda não").

Este breve estudo não pretende ser uma exaustiva apresentação teológica de todos os aspectos da salvação em Cristo. Não aborda os temas apocalípticos do milênio, os sinais da aproximação do advento e outros assuntos relacionados que merecem um estudo especial.

Este volume será de auxílio àqueles que ainda não têm claro em sua mente o essencial do evangelho da salvação, ou que desejam uma pauta para meditar nele, fomentando assim a unidade entre o povo de Deus.

Mais do que nunca, precisamos considerar a urgência de nosso tempo, estando prontos para confessar nossa lealdade a Cristo e à verdade que há em Jesus. Como escreveu Paulo: "Que já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto do que quando no principio cremos." Rom. 13:11.

* * *

Nota: Todas as citações bíblicas estão de acordo com a Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil.

As exceções estão indicadas como segue:

Versão Almeida, Edição Revista e Corrigida

B.J. – A Bíblia de Jerusalém

K. J. V. – Versão King James

N. I. V. - New International Version

R. S. V. - Revised Standard Version

ELEIÇÃO DIVINA E PROVIDÊNCIA

Deus revelou na Bíblia Seu insuperável amor pelo nosso mundo, pela raça humana como um todo, e por cada pessoa individualmente. Ninguém a não ser Jesus Cristo disse acerca de Seu Pai celestial: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." S. João 3:16. E Paulo, um dos principais perseguidores dos primeiros cristãos, confessou em um momento de emoção, depois de se ter encontrado pessoalmente com Jesus, que Cristo "me amou e a Si mesmo Se entregou por mim." Gál. 2:20. O amor de Cristo era tão real para Paulo que mudou seu coração e vida.

Na Epístola aos Hebreus, lemos que Cristo Se ofereceu a Deus como um sacrifício perfeito "pelo Espírito eterno". Heb. 9:14. Assim, a Bíblia nos apresenta a inesperada boa-nova de que os três maiores poderes do Universo – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – uniram-Se em um concerto para redimir a desobediente humanidade, não importando quão enorme fosse o preço a pagar.

O Pacto da Salvação

A Bíblia não fala muito deste concerto interdivino e eterno selado antes da fundação do mundo. Contudo, várias passagens bíblicas se referem à realidade de tal concerto.

O próprio testemunho de Jesus é eloqüente em relação à Sua missão predeterminada: "A Minha comida consiste em fazer a vontade dAquele que Me enviou, e realizar a Sua obra." S. João 4:34. "Eu nada posso fazer de Mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O Meu juízo é justo porque não procuro a Minha própria vontade, e, sim, a dAquele que Me enviou." S. João 5:30. "Porque Eu descí do Céu não para fazer a Minha própria vontade; e, sim, a vontade dAquele que Me enviou. E a vontade de quem Me enviou é esta: Que nenhum Eu perca de todos os que Me deu; pelo contrário, Eu o ressuscitarei no último dia. De fato a vontade de Meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nEle crer, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia." S. João 6:38-40. "Porque Eu não tenho falado por Mim mesmo, mas o Pai que Me enviou, esse Me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o Seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que Eu falo, como o Pai Mo tem dito, assim falo." S. João 12:49 e 50.

Ao divisar a conclusão de Sua missão, Jesus orou no Getsêmani: "Eu Te glorifiquei na Terra, consumando a obra que Me confiaste para fazer; e agora, glorifica-Me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que Eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo." S. João 17:4 e 5.

Dirigindo-Se ao Pai, Jesus clamou em Seus últimos momentos na cruz: "Está consumado!" S. João 19:30.

Por Sua própria vontade, Jesus Se submeteu à vontade redentora do Pai, tornando-Se o resgate do homem caído, tomando sobre Si a culpa da raça humana, morrendo como Substituto divino do homem e ressuscitando como seu divino Fiador. "Ninguém a tira de Mim [Minha vida] de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou.

Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de Meu Pai." S. João 10:18.

Os sofrimentos e morte expiatória de Jesus estavam incluídos no eterno concerto divino para a salvação do homem. O Apóstolo Pedro ressalta esta profunda dimensão quando proclamou: "Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós O matastes, crucificando-O por mãos de iníquos." Atos 2:23.

Este plano de redenção já tinha sido revelado ao antigo Israel no ritual simbólico dos serviços do santuário, especialmente no sacrifício do cordeiro pascal e na aspensão de seu sangue. Esse cordeiro particularmente prefigurava o sacrifício do Filho de Deus, como Paulo confirmou depois: "Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado." I Cor. 5:7.

As profecias de Isaías (cerca de 700 AC) relacionadas com a vinda do Servo de Deus cuja missão principal seria sofrer pelos pecados de Israel e morrer debaixo da culpa universal (capítulo 53) eram a reflexão de um plano preestabelecido por Deus para salvar o mundo.

O que Cristo padeceu às mãos dos pecadores, as Escrituras atribuem, em última análise, ao que a mão e o conselho de Deus predeterminaram. Atos 4:28. Esse plano divino não anula a responsabilidade nem a culpabilidade humana, mas as inclui e lhes provê o único meio de perdão, o sangue do Cordeiro de Deus. S. João 1:29. Cristo Se comprometeu a ser o Cordeiro de Deus "desde a fundação do mundo". Apoc. 13:8. O Pai O escolheu como Cordeiro "antes da fundação do mundo". I S. Ped. 1:20.

A origem de nossa salvação está no pacto redentor, descrito mais completamente por Ellen G. White:

"Antes que os fundamentos da Terra fossem lançados, o Pai e o Filho Se haviam unido num concerto para redimir o homem, se ele fosse vencido por Satanás. Haviam-Se dado as mãos, num solene compromisso de que Cristo Se tornaria o fiador da raça humana. Esse compromisso cumprira Cristo. Quando, sobre a cruz soltara o brado: "Está consumado" (João 19:30), dirigira-Se ao Pai. O pacto fora plenamente satisfeito. Agora Ele declara: "Pai, está consumado. Fiz, ó Meu Deus, a Tua vontade. Concluí a obra da redenção." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 834.

Esse eterno concerto entre o Pai e o Filho é o fundamento inexpugnável de nossa redenção. A salvação nos é oferecida pelo insondável amor salvífico do Pai e do Filho. S. João 3:16.

Salvação Assegurada em Cristo

A Bíblia dá ênfase à inabalável segurança do amor eletivo de Deus, especialmente na Epístola de Paulo aos Efésios. Por divina inspiração, o Apóstolo declara aos crentes cristãos que Deus "*nos escolheu nEle [Cristo] antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele; e em amor nos destinou para Ele, para a oração de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de Sua vontade, para louvor da glória de Sua graça, que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o mistério de Sua vontade, segundo o Seu*

beneplácito que propusera *em Cristo*, de fazer convergir nEle, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do Céu como as da Terra." Efés. 1:4-10 (grifos supridos).

Com essas magníficas palavras, misturadas com expressões de louvor a Deus, o Apóstolo Paulo dá ênfase à profunda dimensão, a origem divina de nossa eterna redenção. A salvação não é um ato nosso, mas obra e dom de Deus, oferecidos absolutamente grátis *em Cristo* a seres humanos indignos. Deus ofereceu a Cristo "de presente" como sacrifício expiatório muito antes de crermos nEle. Rom. 3:25. "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos." Gál. 4:4 e 5. A iniciativa de nossa salvação, portanto, não está com o homem, mas com Deus. O propósito divino, entretanto, vai além da cruz e de nossa adoção como filhos de Deus. Seu eterno propósito é restaurar novamente o Céu e a Terra sob uma cabeça, sob o governo de Cristo Jesus, Seu Filho. Efés, 1:9 e 10.

A origem e o propósito de nossa salvação estão intimamente relacionados um com o outro. Segundo Paulo, a graça eletiva de Deus se estende de eternidade a eternidade, e se tomou realidade histórica na vida de Cristo e no chamado de Seus embaixadores. Rom. 8:29 e 30. A luz desta inegável realidade, ele pergunta: "Quem nos separará do amor de Cristo?" Rom. 8:35. Sua resposta ressoa com absoluta confiança: "Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor." Rom. 8:38, 39.

Essa certeza apostólica nos revela quão absolutamente salvos somos *em Cristo*, mesmo em face da morte. Os crentes em Cristo recebem o dom da vida eterna agora no Espírito Santo. Cristo prometeu: "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da Minha mão." S. João 10:28. No momento solene de Sua oração final, Cristo reafirmou diante de Deus: "E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." S. João 17:3.

Aqui, entra a responsabilidade humana. Quando Deus toma a iniciativa, chamando o homem ao conhecimento da salvação em Cristo, ele deve responder, aproximando-se de Deus através de Jesus Cristo, o qual declara solenemente: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim." S. João 14:6. E Pedro confirma isso diante do povo judeu: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." Atos 4:12.

Com que apaixonado interesse deveríamos então procurar conhecer a Cristo como nosso Salvador pessoal! Temos a Sua promessa: "O que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora." S. João 6:37. Que maior garantia pode alguém desejar? A real questão é, antes de tudo: "Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?" Heb. 2:3.

Não há Dupla Predestinação

Não existe fundamento escriturístico para a idéia de que Deus escolheu ao acaso apenas umas poucas almas da espécie humana para se salvarem e predestinou o restante da humanidade para ser condenada. A Bíblia ignora completamente uma "dupla" predestinação. Deus "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade". I Tim. 2:4. Portanto, Deus não mostra parcialidade na concessão do Seu amor redidor. Atos 10:34; Rom. 2:11. "Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens." Tito 2:11. Cristo morreu "pelos pecados do mundo inteiro". I S. João 2:2. Comparar com S. João 1:29.

A descrição feita por Jesus do juízo final é esclarecedora, com grandes surpresas para todos. Cristo, o Rei-Juiz, dirá então aos redimidos: "Vinde, benditos de Meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo." S. Mat. 25:34. Essa é a eleição bíblica ou predestinação. Em absoluto contraste, Cristo dirá aos outros: "Aparatai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos." S. Mat. 25:41. Em oposição ao "Vinde, benditos" está o "Apartai-vos, malditos". Em oposição ao reino está o fogo eterno. Todavia o contraste cessa quando observamos que esse fogo não está preparado desde a fundação do mundo *para os amaldiçoados* como o reino de Deus está preparado *para os benditos*.

Os fogos do inferno foram preparados somente "para o diabo e seus anjos". Jesus declara que o homem participará do destino dos demônios apenas se recusar escolhê-Lo como seu Senhor e Salvador pessoal. Essa decisão é responsabilidade humana.

Deus chamou tanto os judeus como os gentios, através do evangelho de Cristo, para se tomarem "vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão". Rom. 9:23. Por outro lado, Deus mostrará Sua santa ira contra Satanás e contra todos os que persistentemente se recusaram a arrepender-se de seus pecados, destinando-os finalmente "para a perdição". Rom. 9:22.

Destinados à Salvação

Como diz Paulo, a bondade e paciência de Deus "deveriam levar-nos" ao arrependimento. Aqueles a quem foram confiadas as palavras de Deus, Paulo escreveu: "Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento." Rom. 2:5, 6. "Porque para com Deus não há acepção de pessoas." Rom. 2:11. A destruição final é chamada de "obra estranha" de Deus (Isa. 25:21), porque Deus não nos destinou para sermos receptáculos de Sua ira, mas, pelo contrário, de Sua salvação pela fé no Senhor Jesus Cristo. I Tess. 5:9. Isso explica por que Jesus, vendo a reação dos judeus á Sua missão, "admirou-Se da incredulidade deles". S. Mar. 6:6. E responsabilidade e privilégio do ser humano não somente crer na

voz do Bom Pastor, mas receber libertação para seguir o Grande Pastor em uma vida e experiência mais elevadas.

As Escrituras nos asseguram que Deus, em Sua direção providencial, garante o resultado final da história do mundo de acordo com o Seu eterno plano de redenção. Por mais confusas que sejam as circunstâncias, por mais hostis que sejam as forças que se opõem ao povo do concerto de Deus, não importa quão desanimadoras sejam as deficiências do povo escolhido, nosso Criador fará triunfar o Seu plano e Seus desígnios divinos.

A confiança nos eternos propósitos divinos era o centro do culto de Israel ao Todo-Poderoso: "O Senhor frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos. O conselho do Senhor dura para sempre, os desígnios do Seu coração por todas as gerações. Feliz a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo que Ele escolheu para Sua herança." Sal. 33:10-12.

Somente ao povo do concerto de Deus é dado conhecer, crer e ser guiado pelo plano divino para todas as gerações. As nações gentílicas "não sabem os pensamentos do Senhor, nem Lhe entendem o plano". Miq. 4:12. Conquanto a presciência de Deus O habilite a predizer o futuro, Sua providência supre o poder dominante para criar o futuro de acordo com Sua vontade soberana. O Deus de Israel não somente anuncia "o fim desde o princípio", mas também ordenou: "O Meu conselho permanecerá de pé, farei toda a Minha vontade." Isa. 46:10.

Esse desígnio da vontade divina se aplica tanto ao bem-estar presente como ao futuro do povo de Deus dentro dos movimentos complexos da história do mundo. Deus revela mistérios e torna conhecido "o que há de ser nos últimos dias". Dan. 2:25. Contudo, Ele também efetivamente "muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis". Dan. 2:21. Deus não é meramente um espectador dos eventos terrestres ou um vaticinador do que a humanidade fará. Sua providência, de um modo misterioso, porém efetivo, leva avante o que o eterno conselho de Deus determinou e prometeu que deveria ocorrer no planeta Terra. "Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará? A Sua mão está estendida; quem, pois, a fará voltar atrás?" Isa. 14:27.

Israel acreditava que a providência divina tinha se manifestado repetidamente durante sua memorável história em poderosos atos de livramento e juízo, mas especialmente no fato de haver preservado, por Sua benevolência, em cada crise nacional, um remanescente fiel.

Com o passar do tempo, os profetas de Israel se fixaram cada vez mais na promessa divina de um Rei-Salvador vindouro, o Messias, que restauraria toda a humanidade e toda a Natureza à sua original beleza paradisíaca e pacífica ordem. Isa. 11, 35, 65; Dan. 2:44; 7:27. O Novo Testamento especialmente insiste no inevitável irrompimento dos "últimos dias", ou tempo escatológico, por ocasião da primeira vinda de Jesus como o longamente esperado Messias.

Lucas usou o termo específico "era necessário" (em grego *dei*) quarenta e quatro vezes para indicar que a vida e obra de Jesus não eram o resultado do acaso ou acidente, mas que Ele cumpria deliberadamente a vontade salvadora de Seu Pai

celestial, esboçada nas Escrituras hebraicas. Referindo-Se ao que os profetas haviam predito, Jesus disse: "Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na Sua glória?" S. Luc. 24:26. Tudo o que estava escrito acerca do Messias nos livros de Moisés, nos Salmos e nos profetas, "importava se cumprisse". S. Luc. 24:44.

Em outras palavras, a morte de Jesus não foi o fracasso trágico de um profeta, mas o resultado necessário da divina providência. Comparar S. Mat. 26:54 com S. Luc. 9:22. A vontade de Deus tal como é revelada nas Santas Escrituras foi visivelmente expressa em Jesus como o Messias de Israel. Paulo, outrossim, reconheceu a necessidade escatológica do juízo final quando "importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo" (II Cor. 5:10), do reinado de Cristo (I Cor. 15:25, "Porque convém que Ele reine") e da glorificação dos santos, quando "este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade" (I Cor. 15:54).

Não é surpreendente que o livro do Apocalipse ponha todos os eventos futuros do drama cósmico, inclusive a vitória final do Cordeiro de Deus sob o prometedor arco-íris das "coisas que em breve devem acontecer". Apoc. 1:1; comparar com 4:1 e 22:6. Do próprio trono de Deus foram pronunciadas estas fidedignas palavras: "eis que faço novas todas as coisas." Apoc. 21:5.

Enquanto aguardamos esse grandioso futuro elaborado por Deus, o Senhor tem estado ativo em tomar realidade os sinais visíveis desse futuro. Na fraternidade da raça restaurada, na comunhão espiritual do Seu povo escolhido, no renascimento dos pecadores, no surgimento de todos os verdadeiros reformadores e defensores da justiça, podemos, mesmo agora discernir que "acima, para trás e pelos lados as partidas e contrapartidas do interesse, poder e paixões humanos – as instrumentalidades do Todo-misericordioso – [estão] executando paciente e silenciosamente os conselhos de Sua própria vontade." – *Profetas e Reis*, pág. 500.

A mais elevada vocação do ser humano é conhecer o plano e a vontade de Deus em Sua Sagrada Palavra e cooperar voluntariamente na realização dos propósitos da divina providência: "Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do Senhor permanecerá." Prov. 19:21. "O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos." Prov. 16:9.

Paulo descobriu quão funesto era "recalcitrar contra os aguilhões". Atos 26:14. Essa grande lição de sabedoria Jó também aprendeu finalmente, porque confessou a Deus: "Bem sei que tudo podes, e nenhum dos Teus planos pode ser frustrado." Jó 42:2.

Seu Terno Respeito

Quão persistente e ativa é a providência de Deus! O mundo será restaurado sob Seu domínio. Comparar Miquéias 4:8 com Zacarias 9:10. Nenhum poder antagônico no Universo é capaz de frustrar o propósito divino. Seu conselho permanecerá. Porém o mais surpreendente é o terno respeito de Deus por nossa livre decisão de

escolhermos a quem servir. Jamais compele nossa vontade para que O adoremos. Somente nos atrai "com amor eterno". Jer. 31:3. As mais poderosas correntes da compaixão divina procuram atrair o coração egoísta do ser humano quando a mensagem dos sofrimentos de Jesus por nós na cruz é apresentada à alma enferma pelo pecado. Então Satanás e seus propósitos são julgados e desmascarados. Mas Cristo, levantado na cruz, como nosso Sacerdote e o único Sacrifício, "atrairá todos" a Si mesmo. S. João 12:32. Não há nEle maior interesse do que atrair, convidar e chamar a todos e a cada um que ainda não respondeu.

Ouvi a Sua voz: "Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo. Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no Meu trono, assim como também Eu venci, e Me sentei com Meu Pai no Seu trono." Apoc. 3:20 e 21.

Que Deus é benevolente e misericordioso foi revelado desde o princípio quando Ele os pôs à prova Adão e Eva no Jardim do Éden. Tão logo nossos primeiros pais pecaram, Ele prometeu um Redentor. Gên. 3:15. Depois da apostasia de Israel e sua adoração do bezerro de ouro, foi dada a Moisés uma revelação mais profunda do caráter de Deus. Em uma auto-revelação ímpar, o Senhor falou explicitamente a Moisés que Ele era o "Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado". Êxo. 34:6 e 7.

Vemos aqui o mistério da santidade de Deus. Por um lado, está disposto a perdoar o pecado; todavia, por outro lado não está disposto a inocentar o culpado. Aqui graça e justiça estão combinadas; nem um atributo se opõe ao outro. A chave para compreender como podem existir juntos é Cristo. Sua vida revelou que Ele "amou a justiça e odiou a iniquidade". Heb. 1:9. Deus espera que homens e mulheres revelem a mesma atitude, que se manifesta no espírito de verdadeiro arrependimento sob a operação convincente do Espírito Santo em seu coração.

Diz o Salmista: "Se o homem não se converter, afiará Deus a Sua espada." Sal. 7:12. Deus pleiteou por longo tempo com o antigo Israel: "Convertei-vos, ó filhos rebeldes. ... Tão-somente reconhece a tua iniquidade, reconhece que transgrediste contra o Senhor teu Deus." Jer. 3:14 e 13. Mas a nação persistentemente se recusou a arrepender-se. Jer. 5:3. Então Deus implorou ao Seu povo obstinado com esta pergunta final: "Como... te perdoaria?" Jer. 5:7.

Essa pergunta divina ensina-nos que Deus não perdoa o pecado automática ou incondicionalmente. Deus é um Deus moral e Seu propósito é salvar o pecador de uma atitude pecaminosa em face do pecado e da justiça para uma "atitude de crente". E o propósito da graça divina *separar* o pecador do pecado, o rebelde da rebelião contra o governo de Deus, e unir Seus filhos e filhas através da confiança e harmonia com seu Criador. Jer. 50:20 e Isa. 55:7. Para esse propósito o Espírito da graça é enviado do Céu a todos os povos e a luz da salvação a todas as nações: "Olhai para Mim, e sede salvos, vós, todos os termos da Terra; porque Eu sou Deus, e não há outro." Isa. 45:22; comparar com 49:6.

Embora a graça nos alcance onde quer que estejamos, ela não é concedido em sua plenitude contra a nossa vontade. A graça apela ao coração e à vontade de homens e mulheres a fim de que passem a apreciar a santidade do caráter de Deus e venham a se render ao Seu soberano amor.

Talvez nenhuma outra parábola desdobra mais claramente esse aspecto do caráter de Deus do que a história do filho pródigo. Ausente de casa e em miséria total, o filho desobediente afinal caiu em si. Arrependeu-se sinceramente da errônea concepção de seu amoroso pai a quem julgara rígido e severo.

Ele se levantou, disposto a confessar. Com uma nova atitude para consigo mesmo e com pai, voltou para seu pai exatamente como estava, sem fazer nenhum esforço para mostrar-se melhor. Veio então a surpresa. Quando o pai o viu à distância, correu, movido de compaixão, para seu filho afligido, abraçou-o e o beijou, e novamente o restaurou com todos os direitos de filho.

Devemos concluir que a graça do pai foi eficaz somente depois que o filho decidiu voltar para casa? Não! O que realmente levou o rebelde a cair em si e regressar para o lar? Não foi uma nova visão de seu pai? Em outras palavras, foi a atração da bondade de seu pai que trouxe ao filho errante a convicção de que podia voltar para casa.

Assim acontece dentro do drama mais amplo entre a humanidade e nosso Pai celestial. A graça divina sempre procura trazer à nossa mente uma melhor visão da bondade de Deus. O gracioso poder da bondade divina leva a alma ao arrependimento. Rom. 2:4. A primeira reação de uma alma contrita não deixa de ser reconhecida por Deus:

"Jamais é proferida uma oração, por vacilante que seja, jamais uma lágrima vertida, por mais secreta, e jamais alimentado um sincero anelo de Deus, embora débil, que o Espírito de Deus não saia a satisfazê-lo. Antes mesmo de ser pronunciada a oração, ou expresso o desejo do coração, sai a graça de Cristo para juntar-se à graça que opera na alma humana." – *Parábolas de Jesus*, pág. 206.

Paulo jamais esqueceu sua experiência com a graça de Deus quando repentinamente se encontrou face a face com o Cristo vivo perto de Damasco. Desde então, sempre acreditou que a fé em Cristo origina-se por iniciativa do próprio Cristo. É Ele que dá início ao encontro Salvador. Compete-nos unicamente responder a Cristo. "E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo." Rom. 10:17. Até mesmo nosso amor a Deus manifesta as características de resposta e reação. O amor a Deus, de origem celestial, não é outra coisa senão o amor do próprio Deus concedido ao crente e que ele se apodera do mesmo em seu coração. Tal amor torna-se uma realidade em nós quando verdadeiramente experimentarmos o amor de Deus por nós. "Nós amamos porque Ele [Deus] nos amou primeiro", escreve o Apóstolo João. I S. João 4:19. Conseqüentemente, a fonte de nossa salvação eterna não é nossa fé, nosso amor, nossas orações, nossas lágrimas, ou nossa própria dignidade moral. Jamais nos podemos salvar a nós mesmos de Satanás, do pecado e da morte. E nem necessitamos fazer isso. Somos salvos por Cristo mediante a fé nEle. Portanto, Paulo pode escrever a todos os crentes batizados: "Porque *pela graça sois salvos*, mediante a

fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie." Efés. 2:8 e 9. (Grifos acrescentados.)

Pela graça. Nestas palavras o Apóstolo resume as inexauríveis riquezas de Cristo, a natureza do amor divino, a amável vontade do Deus triuno. Quem poderá dar uma definição abarcante da graça de Deus em Cristo? O próprio Deus tem mostrado em todas as eras "a suprema riqueza da Sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus." Efés. 2:7. Aqueles que conheceram a Jesus pessoalmente, dEle testemunharam: "E vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade." S. João 1:14.

Paulo proclamou que Cristo Jesus "Se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, para que, como está escrito: Aquele que se glorie, glorie-se no Senhor". I Cor. 1:30 e 31.

Em Cristo temos tudo o que necessitamos. Nossas riquezas em Cristo foram admiravelmente resumidas por E. G. White: "Tudo devemos à graça, livre e soberana. A graça no pacto ordenou nossa adoção. A graça no Salvador efetuou nossa redenção, regeneração e adoção para sermos herdeiros com Cristo." – *Testimonies for the Church*, vol. 6, pág. 268.

O EVANGELHO DA RECONCILIAÇÃO

Muitos têm notado uma aparente tensão nas palavras de Paulo concernentes à nossa reconciliação com Deus. Em sua famosa passagem de II Coríntios 5, Paulo anuncia triunfalmente o fato histórico de que "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo" (verso 19), mas imediatamente dirige ao homem o surpreendente apelo: "Rogamos que vos reconcilieis com Deus" (verso 20).

Como podemos harmonizar estes dois conceitos: o *fato* de que Deus em Cristo já reconciliou consigo o mundo, e a *ordem* de Deus ao homem para que se reconcilie com Ele? Por que após o ato divino de reconciliação deve ainda ocorrer um ato humano?

Muitos têm procurado evitar essa tensão enfatizando um aspecto em detrimento do outro. Alguns têm salientado que Deus já reconciliou tão perfeitamente a raça humana na cruz que todos estão reconciliados a despeito de si mesmos. O pecador apenas precisa sabê-lo. Cristo morreu pelos pecados de todos; portanto, todos os pecados foram expiados e perdoados na cruz. O pregador tão-somente deve anunciar essas boas novas para que todos fiquem cientes delas. Tal ênfase tem conduzido ao ensino do universalismo, isto é, toda a humanidade, de alguma forma, será finalmente salva.

Outros vão ao extremo oposto, dando tanta ênfase à parte humana a ponto de a fé e o amor se tomarem a base sobre a qual Deus aceita o crente. Esse ensino, conhecido como moralismo religioso, leva muitos à crença que a reconciliação com Deus

depende primariamente de nossa boa vontade e amor a Deus em resposta ao amor de Deus revelado na cruz de Cristo. De modo que a cruz de Cristo exerce apenas uma influência moral sobre o homem.

Muitos calvinistas defendem a posição de que os méritos da obediência e sacrifício voluntário de Cristo satisfazem exatamente a necessidade dos crentes predestinados de todas as eras, donde se conclui que Cristo morreu apenas por Seu próprio povo, os eleitos. Calvino baseou a expiação de Cristo no eterno decreto de Deus de que o sacrifício de Cristo seria eficaz somente para um número de pessoas previamente selecionado. Segundo essa crença, Cristo proveu uma expiação limitada na cruz, insuficiente para todos os pecadores.

A palavra "reconciliação" (*katallage*) pressupõe uma alienação entre duas partes que estiveram originalmente unidos. Portanto, reconciliação significa restauração de um relacionamento de amor e confiança que fora interrompido.

Paulo usou o verbo "reconciliar-se" em seus conselhos a uma mulher casada a qual se havia separado de seu marido. Disse ele em nome do Senhor: "que não se case, ou que se reconcilie (*katallageto*) com seu marido". I Cor. 7:11.

Esse conselho, com suas implicações éticas, só pode ser compreendido e praticado dentro de um contexto mais amplo de salvação – que Deus reconciliou primeiro a todos nós consigo através do sacrifício voluntário de Cristo na cruz. "Quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho." Rom. 5:10. Esse texto ensina que o ato de Deus de reconciliar o mundo consigo está baseado e enraizado na morte expiatória de Seu Filho. O significado desse sacrifício expiatório é o mistério da redenção que se constituirá no tema central do culto e adoração dos santos através da eternidade. Apoc. 5:9.

Uma coisa é certa: a divina reconciliação em Cristo é agora um fato consumado, uma realidade objetiva. "Quando [éramos] inimigos, fomos reconciliados com Deus." Rom. 5:10. De sorte que nossa reconciliação com Deus não foi uma idéia humana, mas iniciativa e ato de Deus em favor dos homens. Essa divina reconciliação é dom de Deus a todos os homens, legado para nós através de Cristo, "por intermédio de quem acabamos agora de receber a reconciliação". Rom. 5:11.

Não é surpreendente que Deus tenha tomado a iniciativa de nossa reconciliação com Ele, sendo que *o homem foi a causa* da separação e a parte culpada? Deus tem um caso legal contra o homem caído, não o homem contra Deus. Deus pronunciou a sentença de morte contra o transgressor. Gên. 2:17. Adão, apesar de tudo, não buscou a graça. Deus é que saiu em busca do par culpado. Por que estaria Deus preocupado em restaurar e aceitar o desobediente que merecia a condenação? O infinito preço que Deus pagou ao entregar Seu Filho por nossa redenção ensina ao Universo quão precioso é o homem, embora caído, aos olhos de Deus. "Deus a queria, [Sua escolhida herança] do contrário não enviaria Seu Filho em tão dispendiosa missão de a redimir." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 668.

Cristo apontava para a misteriosa motivação na reconciliação divina quando declarou: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito..." S. João 3:16. Que novas maravilhosas procedentes do trono de Deus! Em todo o

pensamento filosófico e religioso tal idéia do amor de Deus jamais fora antes concebida.

Paulo declarou, ademais, que o amor reconciliador de Deus muda a relação judicial entre Deus e o pecador. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, *não imputando* aos homens as suas transgressões." II Cor. 5:19. Nesta atitude divina de "não imputar" o pecado, Deus não omite o pecado nem desconsidera sua penalidade, nem troca Sua "ira" por amor. Ao invés, o amor de Deus encontra uma solução legal para nossa salvação.

No mundo secular o termo "pecado" é raramente usado e somente no sentido de "crime" ou como um poder maligno. A idéia de penalidade ou punição do "pecado" é compreendida primariamente como a reação automática das leis da natureza contra o transgressor. Apesar de reconhecidos como realidade mental, os sentimentos de culpa são geralmente considerados como reações enfermigas, provenientes de alguma neurose ou desarranjo mental.

A realidade da *culpa* humana diante de Deus é portanto estranha ao pensamento secular. A culpabilidade diante de Deus é um fato da revelação bíblica porque pressupõe a vontade revelada de um Deus pessoal.

O pecado torna-se culpa quando se opõe à revelada lei moral de Deus. Como enfatizou Paulo em Romanos 5: "Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei." Verso 13.

A deliberada e consciente rejeição da revelada vontade de Deus (a santa lei) provocou a justa indignação ou ira de Deus contra as culposas e presunçosas transgressões de Israel (ver II Reis 17:11, 16-18; II Crôn. 36:16; Sal. 78 e 106). Além disso Deus revelou a Israel nos rituais purificadores dos serviços do santuário que o pecado *contamina* a natureza humana e que o pecador penitente necessita de purificação de sua pecaminosidade, de seu coração egoísta e poluído. Lev. 16:4, 15-19, 30; Jó 15:14; 25:4; comparar com Sal. 51:5; 58:3; Prov. 20:9.

Essa consciência da contaminação do pecado levou Davi a pedir a Deus mais do que o perdão, quando orou: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro de mim um espírito inabalável." Sal. 51:10.

A raiz do pecado não é encontrada nos atos de transgressão da lei, mas na vontade egoísta e rebelde. Nesse estado de rebelião contra Deus, nessa disposição de inimizade mental (Col. 1:21), o homem merece a justa ira ou inimizade de Deus, porque um Deus santo deve ser hostil ao pecado. Hab. 1:13. A chocante verdade da revelação divina é que todos os homens e mulheres são "*por natureza filhos da ira*", como Paulo declara: "Entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais." Efés. 2:3; comparar com 5:6.

Não é somente o homem caído que do seu ponto de vista é hostil a Deus (embora sem causa), mas também Deus do Seu ponto de vista, vê os homens e mulheres naturais, rebeldes, separados de Cristo, como Seus inimigos (apesar de serem inimigos amados, comparar com Rom. 11:28), mesmo "objetos da ira". Comparar com Rom.

1:18, Deus ama a cada pecador, mas odeia a cada pecado. A ira divina é a reação pessoal de Deus contra o pecado.

Escreveu G. E. Ladd: "Os homens são eticamente pecadores; e quando Deus imputa a eles suas transgressões, os vê como pecadores, como inimigos, como objetos da ira divina, porque é uma necessidade ética e religiosa que a santidade de Deus se manifeste em ira contra o pecado." – *A Theology of the New Testament*, pág. 453.

E. G. White explicou com preocupação pastoral:

"Para o pecado, onde quer que se encontre, "nosso Deus é um fogo consumidor". Heb. 12:29. O Espírito de Deus consumirá pecado em todos quantos se submeterem a Seu poder. Se os homens, porém, se apegarem ao pecado, ficarão com ele identificados. Então a glória de Deus, que destrói o pecado, tem que destruí-los." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 107.

O propósito da morte de Cristo é basicamente mal interpretado quando se considera o pecado como um mal moral ou como egoísmo. Nesse caso a morte de Cristo serviria apenas como um divino exemplo de amor altruísta tentando mudar o coração humano pela influência moral da cruz. Esse conceito não é antibíblico no que afirma, mas no que ignora ou nega. É essencial estarmos alerta contra uma posição unilateral neste assunto vital do evangelho da reconciliação. Compreender a morte expiatória de Cristo em termos *quer da misericórdia de Deus, quer da Sua justiça*, é deixar de entender a plenitude e unidade do santo amor de Deus. O oposto de pecado não é misericórdia, mas *santidade*, a mais fundamental e abrangente característica de Deus, o Santo por excelência. Isa. 6:3-7.

O amor de Deus sempre *santo*, no qual tanto Sua misericórdia quanto Sua justiça estão arraigadas e unidas. Comparar com Sal. 85:10. Como E. G. White:

"O amor de Deus tem-se expressado tanto em Sua justiça como em Sua misericórdia. ... Mas Cristo mostrou que, no plano divino, elas estão indissolúvelmente unidas; uma não pode existir sem a outra." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 762.

Assim, pois, a morte expiatória de Jesus Cristo era uma necessidade moral tanto quanto uma necessidade legal se o Deus santo em Seu infinito amor e sabedoria quisesse conservar Sua justiça. Se o perdão divino para o pecado pudesse ser outorgado sem o sangue expiatório de Cristo, então a dimensão judicial da culpa do pecado permaneceria insatisfeita. Consequentemente, o pecado poderia ser justificado e imortalizado.

Mas Deus não pode coexistir com o pecado. Hab. 1:13. Sua justiça requer que o pecado seja levado a juízo. Deus deve, portanto, executar justiça sobre o pecado e com o pecador. Nessa execução da sentença, o Filho de Deus tomou nosso lugar, o lugar dos pecadores, segundo a vontade de Deus. Tal expiação era necessária porque o homem permanecia como objeto da justa ira de Deus. Este é o centro do evangelho do perdão do pecado e o mistério da cruz de Cristo: a justiça perfeita de Cristo satisfaz adequadamente a justiça divina, e Deus está disposto a aceitar o sacrifício voluntário de Cristo em lugar da morte do homem.

A verdade de que a cruz de Cristo não é somente a manifestação da misericórdia de Deus, mas também a demonstração fundamental de Sua justiça é ensinada explicitamente por Paulo em sua mais reveladora interpretação da morte de Cristo: "A

quem Deus propôs, no Seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a Sua justiça, por ter Deus, na Sua tolerância, deixando impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus." Rom. 3:25 e 26.

Observe-se que não foi Cristo que originou e iniciou a expiação a fim de aplacar a um Deus irado. Esse conceito completamente equivocado cria uma dicotomia no Deus triúno e no pacto eterno. O sacrifício voluntário de Cristo não transforma a ira do Pai em amor, porque Deus é amor por natureza.

Paulo declara que o mesmo Pai ofereceu a Seu Filho como sacrifício expiatório, como propiciação (*hilasterion*, Rom. 3:25). Em outras palavras, Deus em Sua misericórdia ofereceu a Cristo como a propiciação de Sua santa ira pela culpa humana porque aceitou a Cristo como representante e divino Substituto do homem para receber Sua sentença sobre o pecado.

Ladd informa-nos que o verbo *exhilaskesthai* "em toda a literatura grega significa propiciar ou aplacar a uma pessoa que foi ofendida". – *A Theology of the New Testament*, pág. 429. Todavia, o significado apostólico do amor salvífico de Deus não é apenas que Deus perdoa nossa culpa e expia, ou nos limpa de nossa pecaminosidade; talvez, acima de tudo o mais, o amor de Deus oferece a morte sacrificial de Cristo como a propiciação e aplaca tanto Sua justiça como Sua santa ira.

Inclusive Paulo chama ao sacrifício de Cristo por nós de "oferta e sacrifício a Deus em aroma suave" (Efés. 5:2), referindo-se claramente ao efeito propiciador que tinham sobre Deus os sacrifícios do Antigo Testamento (Gên. 8:21; Êxo. 29:18; Lev. 1:9). O sacrifício voluntário de Cristo é *agradável* a Deus porque essa oferta expiatória derribou a barreira existente entre Deus e o pecador, tendo Cristo suportado totalmente a ira de Deus sobre o pecado do homem. Cristo não transforma essa ira em amor, mas aparta-a do homem e a faz recair sobre Si mesmo.

O profeta Isaías já havia revelado tal essência do evangelho nestas palavras: "O Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos. ... Todavia, ao Senhor agradou moê-Lo, fazendo-O enfermar. ...e a vontade do Senhor prosperará nas Suas mãos." Isa. 53:6, 10; comparar com Gál. 1:4.

Paulo sem dúvida se referia a Isaías 53 quando escreveu: "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras." I Cor. 15:3. Paulo implica que Deus não somente Se absteve de imputar a nós o pecado, mas realmente fê-lo recair sobre Cristo, Seu próprio Filho, como Substituto do homem.

Paulo volta a aludir ao texto de Isaías que descreve como Cristo carregou vicariamente nossa culpa e penalidade nestas significativas declarações: "Um morreu por todos, logo todos morreram. ... Àquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus." II Cor. 5:14, 21.

Embora por definição a *culpa* não resida no pecador, ele vive sob a lei justa e objetiva de que o pecado deve ser punido. Como tal, a culpa pode ser transferida ou imputada. A idéia de que a culpa pode ser transferida era o princípio fundamental de todo o ritual simbólico do santuário de Israel. Culminando com a cerimônia anual do bode expiatório, a culpabilidade coletiva da nação era simbolicamente removida e transferida para o bode expiatório. Lev. 16:21 e 22.

Tudo depende de uma correta compreensão do sangue expiatório nos serviços do santuário de Israel. Até mesmo muitos israelitas perderam as verdadeiras lições espirituais de seus rituais simbólicos. A crítica profética que encontramos no Salmo 50 mostra como o povo de Israel confiava nos sacrifícios e cerimônias em vez de depositar confiança naquele a quem eles apontavam. Versos 7-15.

Observa E. G. White:

"Muitos deles consideravam as ofertas sacrificais muito semelhantes à maneira por que os gentios olhavam a seus sacrifícios – como dádivas pelas quais tornavam propícia a Divindade. Deus desejava ensinar-lhes que de Seu próprio amor provinha a dádiva que os reconciliava com Ele." – *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 113.

Na lei cerimonial, Deus havia ensinado enfaticamente que Ele provia o sangue sobre o altar para fazer expiação por Israel: "Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas." Lev. 17:11.

O Novo Testamento ensina que este princípio, do Antigo Testamento de perdão, purificação e reconciliação com Deus por meio do sangue substituto foi cumprido no poder purificador do sangue sacrificial de Cristo. "Muito mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, a Si mesmo Se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo!" Heb. 9:14.

Mesmo João, o Apóstolo do amor, escreve que Deus em Seu amor enviou Seu Filho para ser a propiciação (*hilasmos*) por nossos pecados [I S. João 4:10; 2:2, K. J. V.; "expiação" (R. S. V.), "um sacrifício expiatório por nossos pecados" (N. I. V.)].

Na morte histórica de Cristo todos os homens morreram sob a justa maldição de Deus por seus pecados. Que melhores novas podiam chegar aos ouvidos humanos? Através de Cristo podemos aprender "que, ao passo que o ódio de Deus para com o pecado é forte como a morte, Seu amor para com o pecador é ainda mais forte do que a morte". – *O Desejado de Todos os Nações*, pág. 57.

Resumindo, o ato objetivo da reconciliação de Deus foi levado a termo através do sangue propiciatório e expiatório (do sacrifício voluntário) de Cristo Jesus, Seu Filho. Portanto Deus "é o provedor e o recipiente da reconciliação". – *The New International Dictionary of N. T. Theology*, vol. 3 (1978), pág. 162.

Na tradição sacerdotal de Israel existia a convicção de que o homem era impotente e incapaz de "remir ao irmão, e pagar por ele a Deus o seu resgate". Sal. 49:7. O Deus de Israel era o único que tinha tal poder, segundo o profeta Oséias: "Eu os remirei do poder (o inferno, e os resgatarei da morte." Osé. 13:14. À luz dessa afirmação, as palavras de Cristo mostram que Ele fazia uma específica reivindicação à Sua divindade quando declarou que o Filho do homem veio para "dar a Sua vida em resgate por muitos" (*lutron anti pollon*: literalmente, "em lugar de muitos"). S. Mat. 20:28; S. Mar. 10:45.

Paulo afirma que Cristo, como o único Mediador entre Deus e os homens, "a Si mesmo Se deu em resgate por todos". I Tim. 2:6. Esse resgate por todos os homens e mulheres foi a entrega da Sua vida em sacrifício; o "sangue" de Cristo representa, ou simboliza, Seu sacrifício voluntário. Comparar com I Cor. 5:7; Efés. 5:2.

Paulo chega a dizer que Deus mesmo comprou ou adquiriu a Igreja "com o Seu próprio sangue". Atos 20:28. E. G. White ressalta a natureza divina de nosso resgate:

"A justiça exigia os sofrimentos de um homem. Cristo, igual a Deus, suportou os sofrimentos de um Deus. ... O sofrimento de Cristo foi correspondente à Sua imaculada pureza." – *Review and Herald*, 21 de setembro de 1886.

A morte de Cristo é o custo divino, ou preço, de nossa redenção (Rom. 3:24; Efés. 1:7) de "toda iniquidade". Tito 2:14. Consequentemente, Paulo expressou a idéia de que Deus nos adquiriu ou comprou-nos para Si, de sorte que agora pertencemos legalmente a Ele outra vez; portanto, devemos honrar a Deus em todas as coisas: "E que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo." I Cor. 6:19 e 20; comparar com 10:31. "Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens." I Cor. 7:23. Pertencer a Deus por meio de Cristo tem incisivas implicações morais, como Paulo e Pedro disseram claramente: "Cristo Jesus, o qual a Si mesmo Se deu por nós, a fim de remir-nos [literalmente, resgatar-nos] de toda iniquidade, e purificar para Si mesmo um povo exclusivamente Seu, zeloso de boas obras." Tito 2:13 e 14. "Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo." I S. Ped. 1:18 e 19.

Para que os homens e mulheres pudessem recordar para sempre do sacrifício de Sua morte como a fonte de sua liberdade, Cristo pessoalmente instituiu a Santa Ceia como o cumprimento do sagrado ritual da Páscoa: "E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o Meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de Mim. Semelhantemente, depois de cear; tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no Meu sangue derramado em favor de vós." S. Luc. 22:19 e 20; comparar com S. Mat. 26:28: "derramado em favor de muitos, para remissão de pecados." Paulo explicou que ao participarmos da Ceia do Senhor não estamos exibindo nossa piedade pessoal, mas confessando nossa fé em Sua morte expiatória: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais [ou confessais] a morte do Senhor, até que Ele venha." I Cor. 11:26.

Passar por alto o aspecto do resgate no ato reconciliador de Deus seria perder o essencial do evangelho da graça e negar o mais profundo motivo de nossa gratidão ao Cordeiro de Deus. "Pela graça sois salvos." Efés. 2:8. O coro celestial dos vinte e quatro anciãos no templo de Deus já está cantando este cântico de eterna gratidão: "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes, e reinarão sobre a Terra." Apoc. 5:9 e 10.

Para explicar o evangelho da reconciliação Paulo emprega uma analogia entre a unidade corporativa da humanidade em Adão e em Cristo, quando O chama de "o último Adão" ou "o segundo homem". I Cor. 15:45-47. Disse ele: "Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo." I Cor. 15:22.

Adão e Cristo são de importância destacada para todos os homens porque, por ambos, todos os homens estão representados diante de Deus. O que ocorreu com Adão e com Cristo é legalmente considerado diante de Deus como se tivesse ocorrido com toda a raça humana. Quando Adão se rebelou contra Deus e caiu no abismo do pecado, condenação e morte, todos os futuros descendentes foram afetados por sua queda.

Quando Cristo desceu do Céu em carne humana, pelo milagre do Espírito Santo, foi Ele indicado como o novo representante da raça humana. Porque Ele nunca deixou de confiar e obedecer a Deus, permaneceu sem pecado. Quando morreu, diz o Apóstolo, um morreu por todos, "logo todos morreram". II Cor. 5:14. Isso significa que Cristo como nosso Substituto representou todos os pecadores diante de Deus.

A morte de Cristo foi um ato da graça divina em que "pela graça de Deus" provou "a morte *por todo homem*". Heb. 2:9. (Grifos acrescentados.) Essa passagem da Escritura reitera a *universal* representação e substituição da morte de Cristo.

Todas as pessoas devem morrer. A morte é considerada nas Escrituras como o salário do pecado, como o justo juízo de Deus sobre a rebelião de Adão (Rom. 5:12; 6:23), e nunca como algo meritório.

Porém a morte de Cristo teve um caráter singular entre os homens porque Cristo experimentou a amargura da completa maldição da morte, a chamada "segunda morte", por todos. Apoc. 20:6.

Também João salientou o alcance universal ou ilimitado da expiação da morte do Senhor: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" S. João 1:29. "E Ele é a propiciação (*hilasmos*: sacrifício expiatório) pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro." I S. João 2:2.

E. G. White reconheceu a expiação ilimitada de Cristo nestas palavras: "Mas a expiação por um mundo perdido devia ser plena, abundante, completa. A oferta de Cristo foi inexcedivelmente abundante para abranger toda alma que Deus criou. Não se podia restringir, de modo a não exceder o número dos que haviam de aceitar o grande Dom. Nem todos os homens são salvos; todavia, o plano da salvação não é um desperdício pelo fato de não realizar tudo que foi provido por sua liberalidade. Há o suficiente, e sobeja ainda." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 566. "Pecado algum pode ser cometido pelo homem, para o qual não se tenha dado satisfação no Calvário." – *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 343.

Paulo vai ainda mais longe ao declarar que Deus quis por meio de Cristo "havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz", reconciliar "consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos Céus". Col. 1:20. O alcance apocalíptico e promessa da cruz de Cristo é que todo o Universo criado será restaurado à paz com Deus. "Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos Céus, na Terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai." Filip. 2:10, 11.

Essa surpreendente eficácia cósmica da cruz constitui uma eterna salvaguarda contra a apostasia mesmo nos mundos não caídos:

"Essa obra de Cristo deveria confirmar os seres de outros mundos em sua inocência e lealdade, bem como salvar os perdidos e os que estavam perecendo neste mundo. Abriu um caminho ao desobediente para voltar à sua fidelidade a Deus, enquanto que pelo mesmo ato pôs uma salvaguarda em tomo daqueles que ainda eram puros, para que não se contaminassem." – E. G. White, *Review and Herald*, 11 de janeiro de 1881.

Jesus já havia indicado que Seu sacrifício expiatório, conquanto suficiente para todos, não seria eficaz em todos, por causa da descrença e deslealdade de muitos. S. Mat. 8:21-23. Ele declarou que embora Deus ame o mundo inteiro, somente aquele

que crê (tem fé) no Filho de Deus não perecerá, mas terá vida eterna. S. João 3:16. Consequentemente, a morte de Cristo "restaurou toda a raça humana ao favor de Deus" (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 343), mas nem todos os pecadores do mundo estão automaticamente "em Cristo." Somente aqueles que aceitam o ato de reconciliação de Deus recebendo a Cristo como Senhor em seu coração estão verdadeiramente reconciliados com Deus. A responsabilidade do homem em responder ao evangelho divino da reconciliação, apropriando-se dele pessoalmente pela fé é absolutamente necessária para ser contado "em Cristo".

"*Reconciliai-vos!*" é o solene apelo de Cristo a todos através de Seus embaixadores. II Cor. 5:20. Deus não está satisfeito com o mero anúncio ou proclamação de Sua histórica reconciliação na cruz de Cristo. Como uma seta que se dirige para o alvo, o evangelho da reconciliação tem por objetivo a entrega do coração ao domínio de Cristo. I S. Ped. 3: 15. Reconciliação é a restauração de uma comunhão pessoal com Deus através da união da alma com Cristo. O filho pródigo deve retornar ao Pai. Só assim o ato objetivo de Deus de reconciliação na cruz torna-se subjetivamente eficaz. Os crentes devem mudar sua atitude de hostilidade contra Deus para uma atitude de amor e submissão a Ele, a fim de amarem como Cristo nos ama, e perdoar a outros assim como Deus em Cristo nos perdoou. Col. 1:21 e 22; 3:12-17; Efés. 4:31 e 32; 5:1-4.

Aqueles que aceitam pela fé que Deus reconciliou consigo o mundo em Cristo e que se submetem à Sua vontade receberão dEle o inestimável dom da justificação com sua consequência imediata de paz com Deus. Rom. 5:1. Deixando de ser o objeto da ira divina, os crentes justificados tomam-se objetos do favor de Deus. Com livre acesso ao trono de Deus por meio de Cristo, recebem o poder do Espírito Santo para derribar todas as barreiras e muros de hostilidade que dividem os homens, simbolizados pela hostilidade que havia entre judeus e gentios. Efés. 2:14-16. "Seja a paz de Cristo o árbitro em vossos corações, à qual, também, fostes chamados em um só corpo: [a Igreja] e sede agradecidos." Col. 3:15.

Cristo ensinou a Seus seguidores, como parte de seu serviço a Deus, tentar reconciliar-se como os que tinham algum agravo contra eles. S. Mat. 5:23 e 24.

A responsabilidade do cristão de estender sua própria reconciliação, recebida gratuitamente de Deus, aos seus devedores, é dramaticamente ilustrada por Jesus na parábola do credor incompassivo. A esse ser ingrato, o próprio rei perdoou "dez mil talentos", ou seja, muitos milhões de dólares. Quando o rei ouviu que esse servo se recusava a ter misericórdia de um dos seus conservos que lhe devia apenas uns poucos dólares, o rei intimou-o novamente: "'Servo malvado', disse ele, 'perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?' E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também Meu Pai celestial vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão." S. Mat. 18:32.35.

A divina obra da reconciliação está baseada na perfeita expiação de Cristo na cruz, mas não se limita a isso. A reconciliação é uma função sacerdotal que une o Céu e a Terra por meio do sangue do Cordeiro de Deus. Essa reconciliação sacerdotal teve

início imediatamente após a queda do homem, tendo como fundamento o prometido sacrifício-resgate.

O Cordeiro de Deus estava destinado e entregue para ser morto antes da criação do mundo. I S. Pedro 1:20; Apoc. 13:8. (Ver também o capítulo 1 deste livro.) Quando o pecado pela primeira vez se manifestou, um Salvador já estava providenciado. Comparar com Gên. 3:15, 21.

A obra divina de reconciliação começou no Paraíso e continuou através do sangue dos sacrifícios simbólicos e do ritual do tabernáculo do antigo Israel. Portanto, no decorrer da antiga dispensação, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo.

Ele revelou explicitamente a Israel que o sangue do sacrifício oferecido sobre o altar para fazer expiação por suas almas era o próprio dom de Deus a Israel. Lev. 17:11. É importante observar que a lei cerimonial não considera a *morte* dos animais sacrificados, como tal, uma expiação. Somente a *ministração sacerdotal* do sangue derramado nos altares e sua aspersão sobre o propiciatório (no anual Dia da Expição) efetuava a "expição", para que o povo de Israel fosse aceito por ✠☉⚡♦⚡⚡. Lev. 16:16-19.

A expressão que se repete constantemente é que "o sacerdote por eles fará expiação, e eles serão perdoados". Lev. 4:20, 26, 31, 35; 5:16. (Grifos supridos.) Desses exemplos aprendemos que o Antigo Testamento não restringe o termo "expição" à morte do sacrifício, mas inclui também na expiação a obra intercessória dos sacerdotes nos serviços diários e a do sumo sacerdote no serviço anual do santuário.

Assim, é muito importante reconhecer que o Novo Testamento considera os serviços e o culto do santuário de Israel como uma prefiguração profética e tipológica do próprio sacrifício de Cristo na Terra e do Seu subsequente ministério sacerdotal no santuário celestial. Heb. 8:1-5; 9:11-14, 22-24. O Livro de Hebreus não hesita em chamar a obra intercessória de Cristo no Céu de uma "*propiciação pelos pecados do povo*". Heb. 2:17 (Ênfase acrescentada); *hilaskesthai*, literalmente "fazer propiciação"; R. S. V. "fazer expiação". Em outras palavras, o Salvador ressurreto está ainda "fazendo expiação" em Sua presente obra de perdoar pecados, de reconciliar os crentes com Deus e de dotar os crentes de poder para vencer os pecados.

Não devemos perder de vista esse ensinamento que encontramos em Hebreus, sobretudo pelo fato de que a Igreja Cristã infelizmente acabou restringindo a "obra expiatória" de Cristo à Sua morte na cruz. Todavia, **Louis Berkhof** reconhece em sua *Systematic Theology* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1972): "[depois de citar Heb. 8:2]. O ministério sacerdotal de Cristo não se limita à oferta sacrificial de Si mesmo na cruz... Ele simplesmente começou Sua obra sacerdotal na Terra e a está completando agora no Céu." Pág. 400.

A obra de intercessão que Cristo realiza no Céu pelos crentes é também chamada uma obra de salvação: "Este, no entanto, porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável. Por isso também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles." Heb. 7:24 e 25. Comparar com Heb.

4:15, 16; Rom. 8:33 e 34. Essa intercessão salvífica de Cristo no Céu ocorre "diante de Deus" (Heb. 9:24) e resulta na purificação de "nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo!" Heb. 9:14; comparar com I S. João 1:7, 9.

Podemos chegar-nos ao nosso Sacerdote real "confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna". Heb. 4:16. Por meio de Cristo, Deus "é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da Sua glória". S. Jud. 24; comparar com I S. João 5:18. Que pensamento emocionante de que Cristo pelo poder de Sua graça é capaz de guardar a cada um de nós da transgressão e de cair em pecado!

João escreveu mais explicitamente: "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro." I S. João 2:1 e 2. João chama nosso Salvador no Céu de nosso "Advogado [*parakletos*] junto ao Pai", "alguém que fala ao Pai em nossa defesa" (N. I. V.), se temos pecado como crentes. A eficácia da intercessão de Cristo no Céu está baseada no fato de ser Ele ao mesmo tempo o "Justo" (verso 1) e "a propiciação pelos nossos pecados" (*hilasmos*, a "expição", R. S. V., verso 2). João não declara que Cristo foi o sacrifício expiatório (ou "propiciação", "expição") mas que o Cristo ressuscitado é o sacrifício expiatório!

João escreveu enfaticamente que "o sangue de Jesus" está no presente limpando ou purificando-nos de todo pecado. I S. João 1:7, 9. (*katharizei*, verbo no tempo presente.) Como o "Justo" Ele salva o transgressor penitente imputando-lhe Sua justiça. Esta é presentemente a obra expiatória de Cristo como um "misericordioso e fiel Sumo Sacerdote" nas cortes celestiais. Comparar com Heb. 2:17.

F. Buchsel, entre outros eruditos, reconhece isso em seu comentário de I S. João 2:2: "O *hilasmos* não está exclusivamente relacionado com a simples realização da morte, mas com a pessoa e obra total de Jesus, de que Sua morte é, fora de dúvida, uma parte indissolúvel, 5:6; comparar com 3:16; 1:7." – *Theological Dictionary of the New Testament* [Kittel, ed.], vol. 3, pág. 318; citado em *The New International Dictionary of N. T. Theology*, vol. 3 [1978], pág. 163.

A ressurreição de Cristo dentre os mortos a fim de Se tornar nosso Sumo Sacerdote celestial significa nada menos do que a imortalização do sacrifício expiatório da morte de Cristo. Cristo continua levando o supremo título de "Cordeiro" de Deus em todas as fases subsequentes de Sua obra de salvação e juízo. Apoc. 5:6; 6:1, 16; 7:10, 14, 17; 17:14; 19:7; 22:1. Para sempre, ressoarão cânticos de louvor no Céu e na Terra: "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor." Apoc. 5:12.

Os santos que vieram da grande tribulação, na visão de João, "lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro". Apoc. 7:14. Isso retrata simbolicamente a eficácia permanente do sangue de Jesus ao imputar e partilhar Sua justiça aos crentes arrependidos e obedientes. "Séculos e eras nunca poderão diminuir a eficácia de Seu sacrifício expiatório. Nem a morte, nem a vida, altura ou profundidade, nada nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus; não porque a Ele

nos apeguemos com firmeza, mas porque Ele nos segura com Sua forte mão." – *Atos dos Apóstolos*, pág. 553.

Portanto, não devemos nos esquecer de que a intercessão de Cristo diante de Deus no Céu é tão essencial à nossa salvação como foi Sua morte na cruz. – Ver E. G. White, *O Grande Conflito*, pág. 488. Após a conclusão de Sua missão terrestre, Cristo ascendeu a fim de adentrar para o outro lado do véu do santuário celestial para *completar a obra em prol de vossa salvação*. Heb. 6:19 e 20; 7:25.

Um aspecto vital da obra intercessória de Cristo e que entretanto é geralmente ignorado pela teologia evangélica é o trabalho do juízo em Seu ministério celestial. Antes de retornar ao nosso planeta a fim de executar Seus juízos, Ele estará empenhado em um juízo pré-advento que determina quem será salvo ou perdido. A base tipológica para essa obra de juízo final é encontrada na festividade anual do Dia da Expição, o Dia do Ajuste de Contas, que culminava com a purificação do santuário e a cerimônia do bode emissário. Lev. 16; 23:26.32. Esse ritual não teve seu cumprimento antitípico, quer na obra sacerdotal de Cristo na cruz, quer em Sua intercessão diária no Céu.

Tão certo como o sacerdócio levítico funcionava em *duas fases distintas*, a mediação diária e a anual, assim ocorre no grande cumprimento antitípico do ministério de Cristo no Céu. Cristo não continuará a interceder por pecadores através da eternidade. Como o Dia da Expição anual ensinava a Israel, assim o Novo Testamento declara com iniludível firmeza que Deus "estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-O dentre os mortos". Atos 17:31.

Cristo pessoalmente anunciou diante do Sinédrio, a corte suprema de Jerusalém, que um dia os papéis seriam invertidos: "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento." S. João 5:22.

A obra final de julgamento efetuada por Cristo envolverá todos os homens, santos e pecadores, até mesmo Satanás e seus anjos.

Paulo declarou mais especificamente que Deus julgará a todos os homens, judeus e gentios, segundo as suas obras. Rom. 2:6-11; citação de Sal. 62:12; Prov. 24:12. E acrescenta: "No dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho" (verso 16). Esse dia em que se dará a recompensa final aos salvos (pela graça) e a punição dos pecadores virá na segunda vinda de Cristo em glória e fogo: "Tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus." II Tess. 1:8; comparar com S. Mat. 16:27.

Contudo, Paulo também se referiu mais diretamente ao juízo final dos crentes cristãos: "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito, por meio do corpo." II Cor. 5:10. "Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus.... Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus." Rom. 14:10-12. "Manifesta se tornará a obra de cada um; pois o dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o

fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo." I Cor. 3:13-15.

Assim, pois, até mesmo os crentes que estão *em Cristo*, e portanto não mais sob a ira divina ou condenação (Rom. 8:1), ainda serão julgados pelas suas obras.

Os crentes e os incrédulos não precisam estar pessoalmente presentes na fase investigativa do juízo divino, porque: "Os mortos foram julgados, segundo as suas obras, *conforme o ave se achava escrito vos livros*." Apoc. 20:12; comparar com Êxo. 32:32 e 33; Isa. 4:3; Sal. 69:28; Dan. 7:9 e 10; 12:1 e 2. (Ênfase acrescentada.)

Aqueles registros celestiais, conhecidos desde o tempo de Moisés, falam ao homem que ele deve inevitavelmente prestar contas a Deus. Aparentemente representam um exato reflexo do caráter de cada ser humano. No conhecimento de Deus existe, é claro, um inventário instantâneo de todos os tempos. "Ele não somente julga, mas recapitula, dia por dia e hora por hora, nosso progresso no bem fazer." – Comentários de E. G. White, *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 7, pág. 987.

Qual é então a questão crucial no juízo, a questão decisiva? No momento final, ao ser considerado nosso caso individual nas cortes celestiais, não será a maior quantidade de boas ou más ações o que determinará nosso destino eterno, mas antes se alguém é encontrado estando *em Cristo* ou *fora de Cristo*. "Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." I S. João 5:12. O que mostra se a relação com Deus foi positiva ou negativa é a atitude de alguém, quer seja de arrependimento, humildade, amor e obediência à verdade: quer seja, por outro lado, egoísmo, auto-afirmação e desobediência voluntária. A profissão de fé, somente, ou o serviço dos lábios, serão desmascarados como hipocrisia.

O caráter *em relação a Cristo* é passado em revista. Cristo permanecerá como Intercessor e Advogado daqueles que creram nEle e O seguiram. Tendo a Cristo como nosso Advogado agora, Ele será nosso Amigo na sessão final da corte.

Cristo promete: "O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos." Apoc. 3:5. "Nosso grande Sumo Sacerdote está intercedendo diante do propiciatório em favor de Seu povo resgatado. ... Satanás está à nossa direita para nos acusar, e nosso Advogado está à mão direita de Deus pleiteando por nós. Jamais perdeu uma causa que Lhe foi confiada. Podemos confiar em nosso Advogado; Ele alega Seus próprios méritos em nosso favor." – E. G. White, *Review and Herald*, 15 de agosto de 1893.

O verdadeiro crente em Cristo não está isento do exame final, mas ele não precisa temer o julgamento, porque Cristo como Juiz jamais condenará, mas apenas vindicará àquele que for achado em Cristo. Rom. 8:1, 33 e 34; Zac. 3:3-5. Paulo perguntou: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Rom. 8:31.

Tudo depende de estarmos usando as vestes nupciais providas pelo Rei para o seu banquete. S. Mat. 22:11.

Com toda confiança Paulo aguardava "a esperança da justiça que provém da fé" (Gál. 5:5) como a absolvição final do cristão por Cristo no último julgamento. Não estava atemorizado ou em dúvida quanto a esse veredicto porque sabia em quem tinha crido: "Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele

salvos da ira. Porque se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, *muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida.*" Rom. 5:9, 10. (Grifos supridos).

Esta futura salvação da ira de Deus, dos juízos que cairão sobre os que rejeitam a Cristo (comparar com S. João 3:36), será o último ato expiatório de Cristo no Céu em favor do Seu povo. O juízo final selará nossa eterna reconciliação com Deus.

JUSTIFICAÇÃO

O "justo viverá por fé." Rom. 1:17. Este é o texto que trouxe o gozo do livramento à alma de Lutero em sua busca de salvação. Tornou-se o grito de batalha da grande Reforma do século dezesseis. Essa passagem continua sendo a estrela guiadora para todo o verdadeiro Protestantismo porque é o próprio centro do "evangelho eterno". Apoc. 14:6.

O Apóstolo Paulo explica mais detalhadamente seu significado: "Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos os que crêem." Rom. 3:21, 22.

Aqui podemos aprender como a *lei* e o *evangelho* podem ser distinguidos em suas funções complementares de exigência e dom, ou condenação e justificação. A lei e o evangelho estão unidos no plano de Deus para o mesmo e único propósito: para

que o filho de Deus possa perceber que seu pecado é *condenável diante de Deus*; e que ele portanto deve buscar sua justiça em Cristo, somente pela fé. Consequentemente, a lei de Deus e o evangelho de Cristo são ambos necessários. Depois da queda, nenhuma das duas coisas pode subsistir sem a outra. A lei de Deus não destrói o evangelho de Cristo, antes, pelo contrário, revela que o evangelho da graça é necessário e indispensável. Por outro lado, nossa justificação pela fé não anula a lei de Deus, mas antes nos põe em harmonia com Deus e Sua santa lei.

Paulo pergunta: "Anulamos, pois, a lei, pela fé? Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei." Rom. 3:31.

O problema não está na divina lei, nem em Deus, mas no homem e seu pecado, que é "transgressão da lei de Deus" I S. João 3:4. Precisamos conscientizar-nos de que tanto a lei quanto o evangelho procedem do mesmo Deus, o qual não está dividido ou em contradição consigo mesmo. Porém o *homem*, como pecador, está em conflito com a vontade divina. O evangelho da reconciliação é o plano de Deus para remover o conflito e restaurar o homem à sua harmonia original com Deus.

Vamos resumir brevemente de que modo Lutero descobriu o evangelho. Ele viveu na Idade Média, quando os teólogos não davam alta prioridade ao estudo da Bíblia. Ao ser nomeado para ensinar as Escrituras Sagradas, Lutero voltou-se para a Bíblia com profundo interesse pela verdade.

Antes de Lutero se tomar o grande reformador, a mais terrível e alarmante palavra da Bíblia para ele era "justiça". Mesmo quando lia Romanos 1:17 ("Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé") sua alma sensível tremia como um canção, percebendo a santa justiça divina e sua própria indignidade aos olhos de Deus. Em resposta, ele se esforçava ao máximo, fazendo penitência e outras boas obras prescritas pela igreja.

Em sua mente a característica dominante de Deus era Sua justiça, a qual não pode tolerar o menor traço de desejo egoísta. Lutero só podia conceber a justiça de Deus em termos do conceito latino de justiça (*iustitia*) que traz somente o significado jurídico de justiça retributiva ou punitiva. Como os teólogos medievais, via a justiça de Deus estritamente em termos de Deus como Juiz.

Portanto, a oração de Davi no Salmo 31 era para Lutero um enigma inexplicável: "Livra-me por Tua justiça"; a mesma perplexidade existia ao ler o Salmo 143: "Dá ouvidos às minhas súplicas, ... segundo a Tua justiça", porque a palavra "justiça" trevejava aos ouvidos de Lutero unicamente como a ira e o terrível juízo de Deus.

Em desespero, voltou-se para o Novo Testamento em busca de consolo. Qual é o verdadeiro significado do evangelho? Em busca de uma resposta a essa pergunta, abriu o livro de Romanos e leu no primeiro capítulo, o verso 16: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação..."

Salvação! Era isso que Lutero havia buscado durante anos sem conseguir encontrar. Aqui Paulo lhe diz que o evangelho é o poder de Deus para a salvação. Lutero estava emocionado! Buscando o segredo do evangelho, avidamente continuou lendo: "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho" (verso 17). Com um golpe

Paulo tira a última esperança de seu coração. O Apóstolo está lhe dizendo que o próprio evangelho é uma revelação da justiça de Deus.

Como pode Paulo qualificar o evangelho de "justiça"? É o evangelho uma outra manifestação da lei? Se isso fosse verdade, então o evangelho só poderia condenar, porque o significado de justiça não é sempre que Deus trata a cada homem de acordo com o que ele merece?

Lutero tentou compreender o texto estudando seu contexto. E assim chegou a Romanos 3:21: "Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus." Subitamente sua visão ficou clara. Pela graça de Deus podia ver agora o que Paulo queria dizer – a "justiça de Deus" não era uma justiça *exigida* do homem, mas uma justiça que era *oferecida* ao crente no evangelho – e o que representava portanto uma profunda expressão do amor de Deus! Ele oferece gratuitamente a justiça de Cristo ao crente como Sua própria justiça divina. Esta é a salvação do evangelho. Ele justifica o pecador através da justiça de Cristo. A justiça do evangelho não é obra nossa, mas Seu dom, pelo qual Ele nos justifica e nos torna justos! A partir daquele momento, Lutero foi libertado. Ele podia cantar. Agora os Salmos lhe soavam bem. Testificou:

"Senti-me como se houvesse nascido de novo e como se tivesse entrado no paraíso pelas portas recém-abertas. Desde então a Bíblia começou a falar-me de uma maneira um tanto diferente. A mesma frase "a justiça de Deus", que anteriormente se me afigurava odiosa, tomara-se agora aquela que eu amava mais do que todas as outras. Eis como aquela passagem paulina tomou-se para mim a porta do paraíso. Finalmente a Escritura inteira mostrou-me outra face." – *Luther's Works*, Concordia Publishing House, vol. 34, pág. 336.

A interpretação correta de Romanos 1:17 tinha pouco a pouco calado mais profundamente em sua alma, até que finalmente irrompeu em boas novas para a turbada consciência de Lutero.

A descoberta de Lutero foi o resultado de ouvir atentamente a Bíblia sem permitir que noções preconcebidas determinassem seu significado; foi uma *descoberta exegetica*, que representava para Lutero um novo conceito de Deus. Essa nova compreensão de Deus o levou a uma nova relação com Ele, não mais baseada nas virtudes de Lutero e em seu amor para com Deus, nem no moralismo, ou racionalismo, ou misticismo, mas exclusivamente na compreensão da cruz de Cristo segundo a mensagem do evangelho. A partir de então Lutero se gloriou na cruz. Ali estava sua inamovível certeza de salvação! Desenvolveu uma espécie de teologia completamente nova, a qual a Igreja não conhecera desde o Apóstolo Paulo: uma *teologia da cruz* em oposição à teologia que glorificava as capacidades e realizações humanas. A teologia de Lutero começava e terminava com a cruz: "Deus só pode ser encontrado no sofrimento e na cruz." – *Luther's Works*, vol. 31, pág. 53. E isso não pode ser captado por meio da percepção dos sentidos ou pela contemplação mística, mas somente pela fé.

A Raiz de Nossa Justificação

Lutero concentrou-se fortemente na conclusão central da mensagem paulina expressa em Romanos 3:28: "Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, indecentemente das obras da lei."

"Fé" aqui significa *fé em Cristo* como o prometido Cordeiro de Deus, fé na justiça de Cristo como se fosse nossa, confiança em Seus méritos como plenamente suficientes para nós em Deus.

Seus méritos *não complementam* nossos próprios méritos, mas são nossos *únicos* méritos diante de Deus. Esse princípio básico do evangelho é válido não só para o descrente mas também para o crente. Até Paulo, o grande pregador, confessou: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo." Gál. 6:14.

Mas não são nossas obras de obediência à vontade de Deus, as boas obras dos crentes nascidos de novo, de algum valor diante de Deus? Não são elas realizadas com a ajuda do Espírito Santo? Os frutos do Espírito de Deus em nossos atos e caráter são os frutos necessários de nossa justificação. Mas nossa justificação não se baseia neles. A raiz e causa de nossa justificação diante de Deus não é *nossa* obediência, mas a de Cristo: "Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tomaram pecadores, assim também *por meio da obediência de um só* muitos se tomarão justos." Rom. 5:19 (Grifos suprimidos.) Não devemos confundir os frutos com a raiz!

Disse Jesus: "Porventura terá de agradecer ao servo por ter este feito o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dissei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer." S. Luc. 17:9 e 10.

Do mesmo modo Paulo pergunta: "Que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?" I Cor. 4:7.

Ele estabelece um assinalado contraste entre o verdadeiro e o falso caminho da salvação: "Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e, sim, como dívida. Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça." Rom. 4:4 e 5.

Está aqui a questão crucial: *Não se necessita de obras* para ser justificado. Deve-se crer e confiar em Cristo. O âmago do evangelho não é "fazer!" mas "feito!" Não é "faça!" mas "creia!"

Não precisamos ser bons para ser salvos. Devemos ser salvos para ser bons. Não somos salvos pela *fé e obras*, mas pela *fé que opera*.

Paulo ilustra esse princípio de justificação pela fé em Romanos 4 mediante dois exemplos do Antigo Testamento: Abraão e Davi. Observe que Paulo ensinou o *mesmo* evangelho que o Antigo Testamento! Ele cita um dos mais notáveis versículos de todo o Antigo Testamento no qual está escrito acerca do Abraão: "Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça." Gên. 15:6.

Isto é justificação pela fé! Pela fé no Senhor, isto é, pela fé em Suas promessas, o Senhor justificou a Abraão, *considerando-o* como se fosse justo no julgamento divino. E esse julgamento, esse creditar é o que realmente conta; somente esse julgamento pode dar repouso à consciência turbada do homem. Unicamente a palavra decisiva de Deus comunica paz à alma e alegria ao coração, porque a palavra de Deus é superior e mais digna de confiança que o nosso coração. Abraão foi justificado pela fé.

O outro exemplo foi Davi, que confessou: "Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado, é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade, e em cujo espírito não há dolo." Sal. 32:1 e 2.

Quando Davi falou da bem-aventurança do homem perdoado a quem o Senhor não leva em conta seu pecado, *Paulo interpretou essas palavras significando que "Deus declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui [ou, imputa, Versão Almeida Revista e Corrigida; ou, credita, N. I. V.] justiça, independentemente de obras."* Rom. 4:6. Aqui Paulo interpreta o perdão do Antigo Testamento como justiça pela fé.

Fica claro portanto que todos nós necessitamos da mesma justificação que receberam os santos do Antigo Testamento. Enquanto eles olhavam para o futuro, aguardando o Cordeiro de Deus que seria morto, nós olhamos para o passado, para o Cordeiro que foi morto. Porém, o poder salvífico do sacrifício expiatório de Cristo estava, e está, como sempre, à disposição do ser humano. Cristo é o Cordeiro morto "desde a fundação do mundo." Apoc. 13:8.

Todos nós precisamos ser *justificados diariamente* pela fé em Cristo, quer tenhamos transgredido conscientemente, quer tenhamos errado inconscientemente. Assim é que Davi orava: "Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas." Sal. 19:12. Ele confessou a insondável profundidade de seu coração pecaminoso à luz da santa lei de Deus e reconheceu diante de Deus que nem mesmo a si próprio conhecia completamente. Então suplicou o perdão para cobrir suas "faltas ocultas. " Pediu a *graça perdoadora* do seu Deus, não somente para atos pecaminosos isolados, mas para seu coração pecador.

Jeremias se referia a essa dimensão do pecado quando escreveu: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?" Jer. 17:9.

Em Sua providência não nos coloca o Senhor freqüentemente em diferentes posições e circunstâncias para que possamos descobrir defeitos ocultos de nosso caráter? Faltas nos são constantemente reveladas, as quais nem suspeitávamos existir.

Quanto necessitamos conhecer a Deus a fim de conhecermos a nós mesmos! Precisamos dEle a cada hora, constantemente. E quanto mais O conhecermos, mais profundamente nos convenceremos de nossa necessidade dEle, e mais dependeremos de Suas promessas. Por isso João escreveu aos crentes:

"Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." I S. João 1:8 e 9.

Em grego, o verbo traduzido por "purificar" está escrito no tempo presente. Recebemos perdão e purificação de nosso Sumo Sacerdote do Céu quando sinceramente confessamos nossos pecados, que é a manifestação do verdadeiro arrependimento.

O Que é Justificação Pela Fé?

Justificação pela fé em Cristo é, segundo a definição bíblica, a divina imputação da justiça de Cristo ao nome individual do crente. É o "acerto" legal com Deus através

de Cristo, nosso Substituto e Fiador. Este é o ensino do Antigo Testamento, do profeta Isaías (capítulo 53) tal como explica o Apóstolo Paulo: "Àquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus." II Cor. 5:21.

Cristo ressuscitou dos mortos por causa de nossa justificação. Rom. 4:25. Cristo nos justifica como crentes, isto é, perdoa nossa culpa tomando-a sobre Si mesmo e dando-nos em troca Sua justiça perfeita. Ou, em outras palavras, Cristo não mais considera nossa culpa contra nós, mas põe em nossa conta Sua perfeita obediência à lei de Deus. Ao que crê, Cristo o declara justo perante o Universo e trata-o como um amado filho de Deus.

Uma comóvente ilustração da justificação do crente é dada em uma visão do profeta Zacarias. Ele viu seu contemporâneo, o sumo sacerdote Josué, que representava Israel, o povo do concerto, em pé diante de Deus "trajado de vestes sujas". Satanás também estava presente, acusando a Josué de sua culpa. Porém o anjo do Senhor ordenou a justificação de Josué, dizendo: "Tirai-lhe as vestes sujas" com a explicação adicional: "Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade." Todavia, Deus não deixa Josué desnudo. O anjo acrescentou imediatamente: "e te vestirei de finos trajés." Zac. 3:4.

A idéia aqui expressa não é que nossas faltas confessadas e perdoadas são destruídas ou aniquiladas, como se Deus repentinamente passasse por alto todo o problema do pecado. Não, do mais amplo contexto das Escrituras (especialmente de Isaías 53), aprendemos que a culpa dos crentes é transferida para o imaculado, puro e santo Filho de Deus. II Cor. 5:21. O indigno pecador arrependido é, portanto, vestido da justiça imputada de Cristo. Essa permuta de roupas, essa transação divina e salvífica, é a doutrina bíblica da justificação.

Contudo, a justificação implica em mais do que uma mera transação legal. A justiça de Cristo é um poder regenerador, "é um princípio de vida que transforma o caráter e rege a conduta". – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 555. Muitos têm uma opinião demasiado estreita e abstrata do perdão ou justificação. Isso levou E. G. White a declarar: "O perdão de Deus não é meramente um ato o judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão *pelo* pecado, mas livramento *do* pecado. É o transbordamento de amor redentor que transforma o coração." – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 100.

Qual é a parte do homem na justificação? *Fé e arrependimento*, que são também dons concedidos por Cristo a cada um que O contempla suspenso na cruz pelos pecadores. S. João 12:32; Atos 5:31.

Cristo na cruz é o evangelho da reconciliação, e devemos reclamar os méritos de Sua obediência à lei de Deus como sendo nossos.

Ellen White encorajou a cada pecador que está perecendo a dizer: "Nem um momento mais preciso ficar sem me salvar. Ele morreu, e ressurgiu para minha justificação, e me salvará agora. Aceito o perdão que prometeu." – *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 392.

A fé em Cristo *deve preceder* a nossa justificação, como disse Paulo: "Também nós *temos crido* em Cristo Jesus, *para que fôssemos justificados pela fé em Cristo.*" Gál. 2:16.

Apesar de a fé não ser nosso salvador, ou nosso mérito, ela é o instrumento ou condição de salvação. A fé aceita e se apropria de Cristo como nosso Salvador pessoal, o Único que é santo. A contemplação da pureza impecável de Cristo e Sua compaixão pelos pecadores conduz a um sincero arrependimento e confissão do pecado.

Nossa sincera auto-condenação e aceitação de Cristo como o perfeito representante do Pai é nosso ato de fé que glorifica a Deus porque *justifica a Deus.*

Davi confessou: "Pequei contra Ti, contra Ti somente, e fiz o que é mau perante os Teus olhos, de maneira que serás tido por justo no Teu falar e puro no Teu julgar." Sal. 51:4.

Seguindo o mesmo raciocínio, disse Lucas ao referir-se àqueles que foram batizados por João Batista, confessando seus pecados, que "justificaram a Deus" S. Luc. 7:29.

A confissão de nossa culpabilidade, selada pelo batismo, justifica a Deus porque por meio dela reconhecemos que Deus é justo e Lhe atribuímos irrepreensibilidade. Finalmente todos os joelhos se dobrarão ante o trono de Sua santidade para confessar a justiça e o poder de Deus. Isa. 45:23 e 24; Filip. 2:10.

Nossa justificação não pode vir por nenhum outro meio a não ser pela fé em Cristo. Todo pensamento ou esforço em busca de qualquer mérito em nossa obediência a Deus destrói imediatamente o aspecto da graça obtida por Cristo na cruz. Paulo é categórico a esse respeito quando declara: "Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão." Gál. 2:21.

Ele vai ainda muito além quando declara: "Todos quantos, pois, são das obras da lei, estão debaixo de maldição" (Gál. 3:10); e, "De Cristo vos desligastes vós que procurais justificar-vos na lei, da graça decaístes." Gál. 5:4. E mais: "E se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça." Rom. 11:6.

Paulo aqui está tratando de dois diferentes princípios ou maneiras de nossa relação com Deus: uma pela graça, a outra pelas obras ou pela lei. Paulo não está pondo a lei de Deus em oposição à Sua graça! Nem o poderia fazer! Deus não está dividido. Seria isso um fatal equívoco de Paulo e de Deus. Ele não contrasta a graça com a lei de Deus, mas com a justiça pela lei! Gál. 2:21. O contraste é entre salvação pela graça e salvação pela lei.

Paulo desmascara o *uso equivocado* e trágico da lei de Deus que faziam os judaizantes. Nunca foi propósito de Deus utilizar-Se da lei como o termômetro da justiça de Israel. Pelo contrário, Ele deu a lei no Sinai como a revelação de Sua santidade a fim de que Israel, *por contraste*, pudesse descobrir a pecaminosidade de seu coração.

A lei foi dada para convencer o homem do pecado, não como meio de sua justificação. Pela condenação da lei, o homem poderia ver mais claramente a necessidade de um Salvador e Sua justiça. A lei é o instrumento utilizado pelo Espírito

Santo para nos mostrar a necessidade de Cristo, a fim e que possamos ir a Cristo e ser justificados pela fé nEle. Assim, pois, a justificação pela fé reafirma a santidade da lei.

A justificação traz segurança e a certeza de nossa aceitação por Deus. Nada pode substituí-la. Não existe nenhum outro plano pelo qual os pecadores possam ser salvos ou encontrar paz. Tanto o Antigo como o Novo Testamento ensinam o mesmo caminho para o eterno reino de Deus. Abraão é chamado o pai de todos os crentes – tanto judeus como gentios. Ver Rom. 4.

Muitos não percebem que o Antigo e o Novo Testamento estão unidos espiritualmente em Cristo. Confundem o Antigo Testamento com o farisaísmo, tomando-os como sinônimos. Mas há uma distinção básica entre a fé legítima do Antigo Testamento e o legalismo farisaico. O legalismo não é a verdadeira fé de Israel, mas sua distorção. O legalismo é fundamentalmente diferente da obediência da fé. Rom. 16:26. Para Cristo e Seus Apóstolos o evangelho não ensinava uma religião diferente daquela do Antigo Testamento, mas era seu desdobramento. Em Romanos 3:21, Paulo indicou claramente que a justificação pela fé em Cristo está em perfeita harmonia com os ensinamentos de Moisés e dos profetas. Paulo declarou inclusive que a "lei e os profetas" dão testemunho do evangelho (Rom. 3:21), porque ensinam que *ninguém* será justificado pelas obras da lei. Gál. 2:15 e 16; comparar com Sal. 143:2. Comparado com a norma divina de justiça no juízo, *nenhum homem* tem justiça em si mesmo. Esse conceito da pecaminosidade da natureza humana diante de Deus é uma parte *essencial* da fé do Antigo Testamento refletida em muitas passagens, por exemplo: Jó 14:4; 15:14; 25:4; 1 Reis 8:46; Ecles. 7:20.

Israel aprendia acerca de justificação nos serviços do santuário. Aprendia que o Médico celestial estava perto, conforme era simbolizado nos serviços do tabernáculo e do templo, disposto a conceder o bálsamo da restauração e da cura a cada crente arrependido por causa do Cordeiro de Deus. O perdão nunca é parcial; sempre é uma restauração completa ao favor de Deus. Isso é o que precisam saber aqueles que têm a consciência afligida e culpada. Até que alcancemos, pela graça de Deus, uma vida triunfante e vitoriosa, teremos recaídas por causa de nossa natureza carnal, que ameaçarão com a culpa nossa felicidade e confiança em Cristo. Muitas pessoas estão física e mentalmente enfermas por causa do sentimento de culpa e auto-reprovação.

O diretor da maior instituição psiquiátrica de Londres disse certa vez: "Se as pessoas que estão aqui tão-somente pudessem crer no perdão, eu poderia enviar a metade delas para casa amanhã."

Jesus oferece cura em Seu perdão. Ao contar aos judeus tão confiantes em sua justiça própria a parábola do fariseu e do publicano que orava no templo, deixou-os atônitos. O fariseu agradecia a Deus pelo que havia feito; realmente se jactava de sua moralidade e autodisciplina. Mas do publicano imoral, que envergonhado confessou seus pecados a Deus, disse Jesus: "Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele." S. Luc. 18:14.

Esse foi um duplo escândalo para os judeus: primeiro, porque o desprezado pecador e não o homem pio e religioso, foi aceito; em segundo lugar, porque o

publicano não foi justificado no juízo final, mas imediatamente, no ato! Novidade surpreendente!

Ser justificado *agora* é deveras a maior necessidade do ser humano. Seu mais profundo anelo é a justificação – ela é o único remédio que limpará sua consciência. E cada alma dele necessita. Portanto, Cristo está atraindo a Si toda a raça humana. É Sua prerrogativa perdoar nossos pecados imputando-nos Sua própria justiça e curando-nos com Suas chagas.

A Justificação Sara a Alma

A justificação pela fé em Cristo é o bálsamo que cura nossa alma. mas deve ser exercida uma fé pessoal em um Salvador pessoal.

Aquele que apresenta a Deus, o Salvador, crucificado e ressurreto como seu único mérito jamais será recusado. Jesus promete: "O que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora." S. João 6:37 Jesus conhece quem vai a Ele com o toque da fé pessoal. Quando a multidão se comprimia em torno do Mestre, uma pobre mulher que tinha sofrido de uma hemorragia durante doze anos e que fora declarada incurável pelos médicos acercou-se dEle, dizendo consigo: "Se eu apenas Lhe tocar as vestes, ficarei curada." S. Mar. 5:28.

No momento em que ela O tocou, sentiu em seu corpo que tinha sido curada de sua enfermidade. Naquele toque estava concentrada sua fé em Jesus. Cristo distinguiu seu toque de fé do toque accidental da multidão descurada. Porque ela O tocou com fé confiante, Ele a curou, dizendo: "Filha, *a tua fé* te salvou." S. Mar. 5:34. (Ênfase suprida.)

Esse incidente nos mostra como a fé opera. Cristo percebeu "que dEle saíra poder" (S. Mar. 5:30) ao toque de uma fé pessoal. Assim, na esfera espiritual há uma diferença entre o contato casual de uma opinião acerca de Jesus e aquela fé que o recebe como um Salvador pessoal.

Ellen White enfatiza essa natureza dinâmica, de entrega própria da fé: "A fé salvadora é um ajuste pelo qual os que recebem a Cristo *se unem em um concerto com Deus.*" – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 62.

Isto é fé viva, fé que justifica, fé que cura, fé que opera, fé que vence o mundo.

Jesus sarará nossa alma enferma do pecado se nos achegarmos a Ele com fé. Um paralítico de Cafarnaum anelava ver a Jesus e receber de Seus próprios lábios a certeza do perdão. Seus amigos levaram-no ao Mestre quando Ele estava ensinando em casa de Pedro. Não podendo entrar na casa, os amigos fizeram uma abertura no telhado e desceram a seu desditoso amigo até os pés de Jesus. Escreveu Marcos: "Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados." S. Mar. 2:5 (Grifos supridos).

Que efeito teve essa declaração de perdão sobre o paralítico! "O peso da culpa cai da alma do doente... Quem pode negar Seu poder de perdoar pecados? A esperança toma o lugar do desespero, e a alegria o do opressivo acabrunhamento. Desaparece o

sofrimento físico do homem, e todo o seu ser se acha transformado." – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 76.

Pelo fato de os fariseus negarem que Jesus tinha poder para perdoar, Ele realizou o irrefutável milagre da cura do corpo do paralítico. Comenta Ellen White: "Nada menos que poder criador exigia o restituir à saúde aquele decadente corpo... *A cura do corpo era uma evidência do poder que renovara o coração.*" – *A Ciência do Bom Viver*, págs. 76 e 77. (Grifos acrescentados.)

Cristo ordenou ao paralítico que se levantasse, tomasse sua cama e andasse "para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a Terra autoridade para perdoar pecados". S. Mar. 2:10.

Cristo mostrou que necessidades os homens e mulheres devem considerar prioritários. Precisamos da cura da alma antes de podermos apreciar a saúde do corpo. A culpa é a causa da enfermidade de milhares. Os tais só poderão obter auxílio se recorrerem ao Grande Restaurador da alma. Antes de serem curados de suas enfermidades físicas, Cristo deve curá-los com Seu bálsamo perdoador. Assim há muitos no mundo e na igreja que inconscientemente anseiam pela mensagem: "Os teus pecados estão perdoados." Portanto, em cada sermão o pregador precisa proclamar a justificação.

A justificação que Deus oferece ao pecador é mais do que uma mera transação legal. É ilustrada particularmente por Cristo na parábola do filho pródigo.

Quando o filho perdido finalmente volveu envergonhado e arrependido, panejou pedir a seu pai o lugar mais humilde entre seus servos a fim de ter alimento. Porém seu pai, compassivamente, correu ao seu encontro, beijou-o e não permitiu sequer que seu filho recitasse a lista completa de seus pecados. Em vez disso ordenou aos servos: "Trazei depressa a melhor roupa. ... Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava pedido e foi achado. E começaram a regozijar-se." S. Luc. 15:22-24.

Aqui vemos o que significa o perdão para Deus: significa reconciliação, restauração da filiação plena e da comunhão com o Pai. Há alegria no Céu toda vez que fazemos confissão sincera dos nossos pecados e reclamamos a justiça de Cristo como sendo nossa somente pel fé. O gozo do Céu faz ressoar a música na alma.

SANTIFICAÇÃO

"Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo." I Cor. 6:19, 20.

A Dupla Reivindicação de Deus

A santificação implica em dar a Deus honra e glória "no vosso corpo", isto é, com nossas palavras e ações em todo o nosso comportamento social. Entretanto, a vida santificada não é uma simples melhoria do nosso comportamento moral ou boas ações

sociais. A santificação bíblica é motivada e fortalecida pela operação constante do Espírito Santo e tem por objetivo a honra e glória de Deus.

Como entra este poder santificador em nossa vida? Unicamente pelo evangelho de Jesus Cristo.

O Espírito Santo é enviado ao homem pelo Pai e o Filho a fim de que o Pai seja glorificado no Filho, vindicado e glorificado no mundo e no Universo pelo que ambos fizeram em favor da raça caída.

Disse Jesus, falando do Espírito: "Ele Me glorificará porque há de receber do que é Meu, e vo-lo há de anunciar." S. João 16:14; comparar com 14:13, 26.

Nas antífonas de louvor no Céu somente dois motivos básicos de louvor são reconhecidos: *criação* e *redenção*. "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas Tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas." Apoc. 4:11. "Proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor." Apoc. 5:12.

Esses dois motivos estão unidos na Pessoa de Cristo Jesus que é proclamado ser ao mesmo tempo o Criador e o Redentor dos homens. Col. 1:14-16. Como conseqüência, pertencemos duas vezes a Deus por meio de Cristo: primeiro, porque Ele nos criou, segundo, Ele nos redimiu.

O Apóstolo Paulo, apelando para ambos os motivos quando instou com os cristãos de Corinto para viverem uma vida santificada diante de Deus e dos homens, declarou: "Os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aqueles. Porém o corpo não é para a impureza, mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo. Deus ressuscitou ao Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo Seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta, forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne. Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele." I Cor. 6:13-17.

Segundo Paulo, a obra redentora de Cristo *restaura* o propósito original de Deus na criação do homem. O Redentor livrou-nos da contaminação da culpa por Seu precioso sangue e do poder escravizador do pecado pelo Seu Santo Espírito. Tanto a justiça a nós imputada por Cristo como a justiça que nos é comunicada pelo Seu Espírito estão ao nosso alcance somente pela fé; de modo que ambos os aspectos da justiça de Cristo devem sempre estar juntos. Rom. 3:25; Gál. 3:2, 5. Ver também Ellen White, *Caminho a Cristo*, pág. 54.

Cristo não somente nos redime *do pecado*, Ele nos redime *para Deus!* Dependemos totalmente de Cristo por causa de Seu sangue redentor derramado por nós. O resgate de Seu sangue nos libertou da morte, da condenação e da escravidão do pecado. Nossos corpos converteram-se legalmente em "membros de Cristo". I Cor. 6:15. Portanto, não pertencemos mais a Satanás ou a nós mesmos. Pertencemos novamente a Deus por causa de Cristo. Através de Cristo, Deus reclama o pecador perdoado como ele é em todo o seu pensamento, vontade e ação para louvor do Seu nome.

Paulo escreveu aos crentes: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará." I Tess. 5:23, 24.

O Apóstolo não está falando que o ser humano se compõe de três partes distintas, está simplesmente enfatizando a natureza total da santificação moral. Deus transforma o crente em todos os aspectos de sua existência diária, ou seja, completamente.

Ellen White assim comenta as palavras de Paulo: "Deus quer que nos demos conta de que Ele tem direito sobre a mente, alma, corpo e espírito – tudo o que possuímos. Pertencemos a Ele pela criação e pela redenção. Como nosso Criador, Ele reclama a totalidade do nosso serviço. Como nosso Redentor, Ele reclama por amor bem como por direito – um amor sem paralelo. Devemos estar conscientes desta reivindicação em cada momento de nossa existência." – *Review and Herald*, 24 de novembro de 1896; citado em *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 7, pág. 909.

O Compromisso Mútuo do Batismo

Todos os que aceitam a Jesus como seu Redentor pessoal são chamados a receber o batismo da água e do Espírito Santo antes de poderem entrar no reino, ou governo de Deus.

Disse Jesus a Nicodemos, príncipe dos judeus: "Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus." S. João 3:5.

Logo após a crucifixão e ascensão de Cristo, o Apóstolo Pedro pregou aos judeus e gentios: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo." Atos 2:38.

Vemos aqui que a salvação oferecida por Deus em Cristo deve ser aceita pessoalmente, não apenas em pensamento e desejo, mas em um ato concreto de entrega pela fé – o ato de ser batizado em água. O batismo significa mais do que dedicação ou consagração do nosso ser a Deus. No batismo, Deus também atua, unindo oficialmente nossa alma a Cristo, vestindo-nos com a justiça de Cristo, conferindo-nos o poder do Espírito Santo, e declarando diante do Universo que nos tornamos filhos do Rei celestial, membros da família real e da Igreja de Cristo.

Paulo escreveu: "Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo, *de Cristo vos revestistes*." Gál. 3:26 e 27. (Grifos acrescentados.) "*Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo. ... E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.*" I Cor. 12:13.

Sendo que no ato de redenção Deus incluiu o batismo do crente, o batismo tem sido corretamente chamado de sacramento, um evento e encontro divino-humano.

Portanto, o Apóstolo Pedro não hesitou em instar com todos os crentes arrependidos para que fossem batizados com este notável apelo: "Salvai-vos desta geração perversa." Atos 2:40; comparar com o verso 47.

O batismo é um compromisso mútuo entre Deus e o crente perante o Universo. Deus Se compromete a incorporar o crente na morte vicária de Cristo na cruz, de sorte que o crente em seu batismo é declarado legalmente morto para o pecado e portanto

livre de suas cadeias, como disse Paulo: "Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na Sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Sabendo isto, que foi crucificado com Ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu, justificado está do pecado." Rom. 6:3 e 4; 6 e 7.

Que maravilhosa promessa oferece Deus no batismo ao crente em Cristo Jesus!

No batismo, Deus declara que a morte única de Cristo tem valor e se tornou eficaz para o crente arrependido, de sorte que ele agora oficial e legalmente torna-se um cristão diante de Deus e do mundo. Esta é a questão: no batismo cristão Deus testifica e atua. Ao mesmo tempo em que a *culpa* do pecado é transferida para o Cordeiro de Deus, o *poder* do pecado é quebrado, e o crente é posto sob o poder vitorioso de Cristo e de Seu Espírito.

Referindo-se ao batismo, Paulo escreveu que Deus "nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo". Tito 2:5; comparar com I Cor. 6:11. Pedro explica que "figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, *mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo*; o qual, depois de ir para o Céu, está à destra de Deus, ficando-Lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes". I S. Ped. 3:21 e 22.

O batismo une o crente tanto com a morte como com a ressurreição de Cristo. No batismo, Deus concede o poder vitorioso de Cristo, o Espírito Santo, para viver uma nova vida de lealdade a Deus. Paulo expressou esse caráter dinâmico do batismo em termos de uma ressurreição com Cristo: "tendo sido sepultados juntamente com Ele no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que O ressuscitou dentre os mortos." Col. 2:12.

O batismo em Cristo também significa que o crente se compromete a aceitar a Jesus, não somente como Salvador do pecado e de Satanás, mas também como Senhor, Mestre, Rei e Norma de sua nova vida.

O batismo implica numa renúncia oficial do mundo, isto é, "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (I S. João 2:16) e ao príncipe deste mundo (S. João 12:31; 16:11).

O crente batizado não pertence mais a Satanás ou a si mesmo, mas está sob a autoridade de Cristo a quem obedece com um coração renovado, feito voluntário e amável pelo poder transformador do Espírito Santo. Tal pessoa segue a Cristo porque Ele agora habita no templo do seu coração. Comparar com Gál. 2:20; Efés. 3:17.

No batismo, o cristão publicamente declara que aceitou o convite para ser o templo do Deus vivo e pertencer à família de Deus, como o antigo Israel foi chamado para ser entre as nações: "Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e Eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso." II Cor. 6:17 e 18.

Em vista dessa graciosa e privilegiada relação com Deus, o Apóstolo Paulo lançou aos cristãos seu imperativo ético: "Tendo, pois, ó amados, tais promessas,

purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus." II Cor. 7:1.

A ordenança cristã do batismo é portanto o testemunho público de que entramos na relação do concerto com Deus. O compromisso mútuo provê todas as oportunidades para uma *florescente* experiência cristã na graça e no conhecimento de Cristo. Como disse tão acertadamente Ellen G. White:

"Não devemos pensar que tão logo somos balizados estamos prontos para graduarmos na escola de Cristo. Quando aceitamos a Cristo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo comprometendo-nos a servir a Deus, o Pai, Cristo e o Espírito Santo – os três dignitários e poderes do Céu – por Sua vez Se comprometem a dar-nos toda a ajuda necessária se procurarmos cumprir nossos votos batismais de 'sair do meio deles... apartar-nos,... não tocar nada imundo'." – Manuscrito 85, 1901; citado em *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1075.

A Ordem Irreversível: Graça Redentora - Obediência Moral

Tanto no Antigo como em o Novo Testamento os dons de Deus precedem Seus reclamos. Deus nunca exige do Seu povo do concerto o que Ele não lhes tenha oferecido antes. Todas as Suas exigências contidas no pacto da graça são acompanhadas de ajuda para que possam ser cumpridas. O Senhor deu a Israel Suas "Dez Palavras", os mandamentos morais do Decálogo (Êxo. 20), somente *depois* de ter salvo a Israel do Egito, da casa da servidão (Êxo. 12), por Seus atos poderosos segundo Suas graciosas promessas feitas a Abraão. Gên. 15:13-16; Deut. 7:7-9. Os mesmos Dez Mandamentos começam com a proclamação de que Israel fora redimido por ✨☪️⚡️♦️⚡️☪️: "Eu sou o Senhor [✨☪️⚡️♦️⚡️☪️] teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de Mim." Êxo. 20:2 e 3.



Assim como a graça redentora é o principio da salvação, a obediência moral é apenas sua conseqüência porque a *redenção* naturalmente desperta gratidão e lealdade para com o Redentor. Na grande lei moral, o Juiz do mundo não está Se dirigindo a pagãos ignorantes, mas o Redentor de Israel está falando a um povo redimido.

Os Dez Mandamentos, posto que pressuponham libertação, não foram outorgados para que Israel por meio deles ganhasse a salvação, mas para evitar que ele a perdesse caindo na idolatria e imoralidade.

✨☪️⚡️♦️⚡️☪️ reclamava a adoração e exclusiva lealdade de Israel por uma simples razão: nenhum outro deus tinha redimido as tribos de Israel do poder escravizador do inimigo. Ver Deut. 13:1-5. Moisés, portanto, deu ênfase a uma conexão fundamental entre a salvação e o culto entre o povo do divino concerto: "Guarda silêncio e ouve, ó Israel! Hoje vieste a ser povo do Senhor teu Deus. *Portanto* obedecerás à voz do Senhor teu Deus, e Lhe cumprirás os mandamentos e os estatutos que hoje te ordeno." Deut. 27:9 e 10.

Aqui toma-se evidente a ordem irreversível de toda a verdadeira adoração: a salvação (o converter-se em filhos de Deus) *precede* e obriga o redimido à obediência moral ao Redentor. A grata obediência ao Senhor é portanto o sinal de um povo redimido, pelo qual Deus é glorificado. Assim, pois, somente pela glória de um povo

obediente Israel poderia ser uma luz aos gentios; somente por meio de tal glória a *salvação* de Deus poderia estender-se até às extremidades da Terra. Isa. 42:6; 49:6.

Em o Novo Testamento, o evangelho não somente mantém intacta a relação que existe entre a redenção e a obediência no culto de Israel, mas acrescenta a profunda dimensão da salvação através de Jesus Cristo. Ele reconheceu que "a salvação vem dos judeus" e que essa era a razão fundamental para o culto no templo de Jerusalém. S. João 4:21 e 22. Porém acrescentou imediatamente que "agora" tinha chegado a hora da salvação messiânica e portanto era necessário uma forma de adoração mais profunda, "em espírito e em verdade", porque o Messias prometido, "o Salvador do mundo", tinha chegado. S. João 4:23-26, 42. Em Jesus Cristo a glória do  *M* & *H*  do lugar santíssimo passou a viver em carne humana, "cheio de graça e de verdade". S. João 1:14; S. Mat. 12:6.

A missão de nosso Senhor não foi trazer um ensino novo, mas um novo evento. Veio para revelar mais claramente o poder libertador do reino de Deus sobre Satanás, o pecado e a morte, para que o homem pudesse adorar a Deus com um amor mais profundo e servi-Lo com a plenitude do gozo messiânico. S. João 15:11; 17:13.

Cristo jamais curou os enfermos, expulsou os demônios ou ressuscitou os mortos simplesmente para exibir Seus poderes miraculosos. Nem sequer o perdão dos pecados foi para Cristo um fim em si mesmo. Quando Ele curava um corpo enfermo ou estendia o perdão à alma, Jesus, em princípio, estava convidando tais pessoas redimidas para nova vida de vitória sob o poder de Deus. À mulher aterrorizada que Lhe foi trazida por alguns fariseus hipócritas que esperavam que Ele a haveria de condenar à morte, disse Jesus: "Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais." S. João 8:11. Desse modo Cristo ligou à graça do perdão o chamado para uma vida nova e santa.

Jesus reconheceu e aceitou a oferta de grato amor de uma mulher que ungiu Seus pés com precioso unguento. Jesus explicou seu ato de devoção dizendo que ela *amou muito porque muito se lhe havia perdoado*, em assinalado contraste com Simão, o anfitrião fariseu, que amou a Cristo comparativamente "pouco" por sua cura física. Ver S. Luc. 7:47.

Ao endemoninhado de Gerasa, de quem Cristo tinha expulsado muitos demônios, Ele instou: "Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti." S. Mar. 5:19.

Entrando em uma aldeia, Jesus curou a dez leprosos que Lhe rogaram, dizendo: "Jesus, Mestre, compadece-Te de nós!" S. Luc, 17:13. Só um dentre os dez, um samaritano, voltou a Jesus para expressar sua gratidão, "dando glória a Deus em alta voz." S. Luc. 17:15. Porém o Senhor Lhe perguntou: "Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove? Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou." S. Luc. 17:17-19. Em retribuição, Cristo esperava não somente fé em Seu poder, mas também gratidão e testemunho.

O propósito último de Cristo ao procurar salvar os perdidos não era a cura física ou mesmo a libertação do pecado e de Satanás. Tinha uma finalidade positiva: que a

alma curada e perdoada se tornasse um templo vivo do Espírito Santo. Essa era a salvação messiânica. Se o templo da alma fosse somente purificado mas deixado "vazio", o espírito maligno retornaria definitivamente com outros sete espíritos ainda piores, "e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem toma-se pior do que o primeiro." S. Mat. 12:43-45.

Cristo pedia a Seus seguidores uma entrega total a Ele como o Rei Messias. Seu chamado, "Segue-Me", implicava em lealdade suprema, acima de todos os laços humanos: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem não toma a sua cruz, e vem após Mim, não é digno de Mim. Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por Minha causa, achá-la-á." S. Mat. 10:37.39. "Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me." S. Mat. 16:24.

Essa *renúncia de si mesmo* significa mais do que uma mera renúncia dos prazeres da vida. Por ela Cristo queria dizer a subordinação da vontade própria de alguém à vontade de Deus. Semelhantemente, tomar a cruz não significa carregar os fardos da vida.

George E. Ladd explicou incisivamente: "A cruz não é um fardo, mas um instrumento de morte. Tomar a cruz significa a morte do próprio eu, da ambição pessoal e dos propósitos egoístas. Em lugar das realizações pessoais, por mais altruístas e nobres que sejam, devemos desejar somente a direção divina. O destino do homem depende desta decisão." – *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1974), pág. 132.

Para Cristo essa entrega total a Ele não somente estava em harmonia com a grande lei do amor a Deus de todo o nosso ser, mas que era também a expressão da verdadeira obediência. Comparar com Deut. 6:5 e S. Mar. 12:28-30. Isso se pode deduzir da prova de Jesus ao jovem rico quanto ao seu amor a Deus e aos tesouros celestiais. Convidou-o a vender suas possessões, dar o seu valor aos pobres e tornar-se um dos Seus discípulos. S. Mat. 19:21. Porém o príncipe judeu não possuía o princípio vital do amor a Deus e recusou entregar ao controle de Cristo o supremo amor que tinha a si mesmo. Assim Cristo ensinou que nosso amor a Deus e aos nossos semelhantes não deve ficar no mero desejo. O amor genuíno é essencialmente um assunto da vontade e ação em obediência à vontade de Deus.

As epístolas dos Apóstolos apresentam consistentemente a salvação em Cristo como a condição e motivação da vida cristã. De fato, todo o Novo Testamento associa tão intimamente a experiência da salvação pela fé em Cristo com o batismo que o teólogo batista G. R. Beasley-Murray declarou categoricamente: "Como o batismo significa união com Cristo (Gál. 3:27), tudo o que Cristo realizou em favor do homem em Seus atos de redenção e lhe confere em virtude desses atos está associado ao batismo nos escritos apostólicos." – *The New International Dictionary of the New Testament Theology* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1975), vol. 1, pág. 148.

Porém nenhum Apóstolo desenvolveu tão profundamente a teologia batismal como Paulo em sua passagem clássica de Rom. 6:1-11. O batismo cristão é para Paulo o maior argumento em favor da vida vitoriosa e santificada. "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" Rom. 6:2. Paulo prossegue explicando que

essa morte para o pecado tem lugar no ritual sagrado do batismo. No batismo a natureza pecaminosa do crente o "velho homem", "foi crucificado com Ele [Cristo]" Rom. 6:6.

Que significa isso? Meramente uma imagem simbólica da conversão do homem de uma vida de pecado? Para Paulo o batismo significa mais do que isso: o acontecimento *é um ato de Deus que tem lugar no presente* no qual Ele legal e efetivamente incorpora nosso ego pecaminoso (eu) ao corpo de Cristo na cruz do Calvário e agora declara que nosso eu pecaminoso morreu para todos os efeitos perante a santa lei de Deus e o Universo. "Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na Sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo." Rom. 6:3 e 4.

Este é o ponto central: O crente não é batizado na água simplesmente para simbolizar sua própria morte para o pecado, mas *para receber de Deus o batismo na morte de Cristo!* Não somos batizados em nossa própria morte, mas na Sua morte. Tal imersão na morte de Cristo só é válida se Deus identifica completamente nosso ego pecaminoso e culpado com o corpo de Cristo portanto os pecados na cruz. Essa é nossa união escondida e sacramental com Cristo em "Sua morte." Rom. 6:5. "Morremos com Cristo." Rom. 6:8. O batismo está completamente centralizado em Cristo. E a consequência desse ato divino no batismo é grande e maravilhosa: "para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu, justificado está do pecado". Rom. 6:6 e 7.

É *Deus*, não o crente, quem na realidade torna "impotente" a velha natureza pecadora! Essa é a eficácia do batismo. Não significa que o crente batizado sai da água com sua natureza humana em verdadeira perfeição imaculada. O pecado torna-se "impotente", porém seus impulsos e inclinações não foram ainda extintos.

No batismo nossa natureza pecaminosa é crucificada publicamente e portanto é legalmente morta. Mas enquanto durar a vida do cristão, sua velha natureza egoísta continuará viva na cruz e assim deve ser conservada na cruz, para que não volte mais a dominar a sua conduta moral. Precisamos distinguir entre o ato da execução pela crucifixão e a verdadeira morte da pessoa crucificada depois de algum tempo indeterminado – às vezes vários dias e noites. A situação histórica de um criminoso crucificado sempre era: legalmente executado e morto, porém na realidade prática continuava vivo na cruz, em sofrimento e agonia. Esse tipo de morte por crucifixão é a figura paulina para retratar a condição do cristão diante de Deus.

Pelo batismo o ego pecaminoso do crente é publicamente executado e morto, mas na realidade empírica o velho eu pecaminoso ainda vive, apesar de "deixado impotente" por Deus, para que o cristão batizado seja posto pelo evangelho sob o *imperativo ético* permanente de não permitir que a velha natureza desça da cruz e volte a assumir o controle de sua vida como antes. Doravante ele pode e deve manter seus desejos de entronização do próprio eu subjugados pelo Espírito de Cristo.

Paulo admoesta a todos os crentes, referindo-se ao seu batismo: "Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Não reine, *portanto* o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos

de iniquidade; mas ofereci-vos a Deus como ressurreitos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça." Rom. 6:11-14. (Grifos supridos.)

Aqui, Paulo enfatiza a ordem do evangelho: a graça redentora (no batismo) leva à obediência moral. "Não reine, *portanto* o pecado em vosso corpo mortal." Rom. 6:12.

O Apóstolo baseia a nova vida de vitória sobre todas as tendências e hábitos pecaminosos no poder da ressurreição de Cristo: "para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida." Rom. 6:4; comparar com Col. 2:12; Efés. 2:6.

Porém não existe santificação moral automática para o cristão. No batismo ele é chamado a aceitar sua obrigação de obediência, cooperando com Deus pela negação constante de si mesmo nas decisões diárias de sua vida pessoal e social. O batismo faz recair sobre o crente a sagrada responsabilidade de manifestar deliberadamente a realidade oculta de sua morte para o pecado por meio de uma vida santificada sob o poder do Rei Jesus.

Paulo faz o chamado: "Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza, e da maldade para a maldade, *assim ofereci agora os vossos membros para servirem a justiça para a santificação*. Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos da Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim a vida eterna." Rom. 6:19, 22. (Ênfase acrescida.)

Para Paulo, a santificação progressiva não é simplesmente tentar viver de acordo com elevados padrões éticos, nem uma mera renovação moral. A santificação não é menos, porém muito mais do que isso! Em outras epístolas, Paulo revela este esquema reiteradamente: redenção em Cristo (indicativo), conseqüente vida vitoriosa (imperativo)!

Temos aqui alguns exemplos: "*Portanto*, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive." Col. 3:1. (Grifos supridos.)

"Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Fazei, *pois*, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno, e a avareza, que é idolatria." Col. 3:3, 5. (Grifo suprido.)

"Não mintais uns aos outros, *uma vez ave vos despistes* do velho homem com os seus feitos, e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem dAquele que o criou." Col. 3:9 e 10.

"Não sois de vós mesmos. Porque fostes comprados por preço. Agora, *pois*, glorificai a Deus no vosso corpo." I Cor. 6:19 e 20. (Grifo suprido.)

Paulo nunca baseia seus imperativos morais na dignidade ou poder inerente da natureza humana como tal, mas na nova natureza humana redimida por Cristo e sob Seu domínio. Em união com o Cristo ressuscitado e vitorioso, a alma não mais permanece sob o domínio do pecado, mas sob o poder santificador de Cristo como o novo Rei e Senhor.

O Apóstolo é realista, entretanto, ao perceber que apesar de a natureza humana pecaminosa ter sido deixada legalmente inoperante, eticamente ela ainda está ativa em sua constante luta pelo predomínio do crente batizado. Cristo fez o que jamais

poderíamos fazer: Ele condenou e executou a velha natureza diante de Deus. Nossa responsabilidade é crer na obra de Cristo, confessar Seu nome no batismo, e revelar em nosso corpo que a vitória de Cristo sobre o pecado é uma realidade em nós ao cooperarmos com Ele pela fé, que estamos, por meio de Cristo, realmente "libertados do pecado" com seu domínio escravizador. Em outras palavras, não somos encorajados a *tentar* ser a luz moral do mundo, mas ser o que somos em Cristo. Como disse Jesus: "Vós sois a luz do mundo... Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus." S. Mat. 5:14, 16. (grifos supridos.)

Santificação e Santidade no Antigo Testamento

Ao libertar do Egito as doze tribos e publicamente constituí-las como Seu povo do concerto, como Seu "primogênito" (Êxo. 4:22), o Senhor colocou a Israel em uma posição singular e privilegiada diante de Si mesmo. Por Sua escolha soberana Deus fez da comunidade de Israel Sua "propriedade peculiar", um "reino de sacerdotes e nação santa". Êxo. 19:5 e 6. Essa nova situação ou posição de santidade era tanto um dom objetivo como uma responsabilidade moral.

O Antigo Testamento emprega o verbo "santificar" (em hebraico $\square \textcircled{\text{e}} \textcircled{\text{u}} \textcircled{\text{e}} \textcircled{\text{m}}$) primariamente para descrever uma cerimônia ordenada por Deus de pôr à parte ou consagrar ao Seu serviço. Deus santificou o sétimo dia da semana da criação. Gên. 2:3. Ordenou que todos os primogênitos, de homens e animais, fossem santificados a Ele. Êxo. 13:2. O fato de que também um dia e um animal podiam ser "santificados" a Deus mostra que o conceito de santificação nas Escrituras nem sempre tem conotação ética de santidade. A santificação denota em primeiro lugar consagração ao Deus santo a fim de servir aos Seus santos propósitos. Assim Deus ordenou a Moisés que santificasse o povo de Israel no Monte Sinai, que significava pô-lo de parte para que pudesse entrar em uma relação especial de aliança com Ele ($\star \textcircled{\text{e}} \textcircled{\text{m}} \blacklozenge \textcircled{\text{m}}$). Êxo. 19:10.

Foi ordenado aos israelitas que lavassem suas vestes como expressão simbólica de sua santificação. De sorte que Moisés "consagrou o povo; e lavaram as suas vestes". Êxo. 19:14. Na Versão Almeida Revista e Corrigida: "santificou".

Sendo que o Senhor iria descer sobre o Monte Sinai, a própria *montanha* deveria ser consagrada, *separando-a* de intrusos irreverentes. Êxo. 19:21. "Marca limites ao redor do monte e consagra-o." Êxo. 19:23.

As pessoas ou coisas não precisam ser inerente ou interiormente santas a fim de serem "santificadas" (comparar com Jó 1:5; Jer. 1:5), ou chamadas "santas" (Sal. 50:4-7). Israel, seus sacerdotes, o santuário, os sacrifícios, o dízimo, o país, a cidade, a montanha, os sábados e as festividades eram chamados "santos", em primeiro lugar, porque foram por ordenação de Deus postos à parte ou consagrados para o Seu serviço religioso e colocados sob o resplendor de Sua santidade, o $\blacklozenge \textcircled{\text{m}} \textcircled{\text{m}} \& \textcircled{\text{H}} \blacksquare \textcircled{\text{e}} \textcircled{\text{m}}$, a glória visível de Sua presença. Por isso Moisés podia ordenar a Israel que renunciasse a toda confiança nos deuses cananitas e rechaçasse toda aliança com nações pagãs. "Porque tu

és *povo santo ao Senhor teu Deus*: o Senhor teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a Terra." Deut.7:6. "Filhos sois do Senhor vosso Deus." Deut. 14:1; ver também o verso 2. (Ênfase suprida.)

Em outras palavras, ao ser chamado e estabelecido pela eleição da graça divina como filhos de Deus, Seu povo, "santo a ✨☉☁☁♦ℳ☁☁", Israel tinha por obrigação assimilar e refletir a vontade de Deus em seu estilo de vida ético-social, e adorar ao único que é Santo segundo os estatutos do Seu culto simbólico. O povo escolhido e santo de Deus foi chamado e estabelecido somente pela graça. Para *permanecer* como Seu povo santo requeria-se deles que refletissem a própria santidade de Deus na adoração do culto simbólico, nas relações sociais e na vida real diante do mundo e do Universo.

Deus estabeleceu a redenção de Israel e Seu concerto com a nação redimida baseado somente em Seu amor e Sua promessa. Deut. 7:8. O funcionamento desse pacto, com as bênçãos e maldições nele contidas, Deus tornou explicitamente *condicional*, dependendo da resposta de amor e obediência por parte de Israel. Primeiro vinha a redenção e depois a obrigação. "Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos cheguei a Mim. Agora, pois, *se diligentemente ouvirdes* a Minha voz, e *guardardes* a Minha aliança, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos." Êxo. 19:4 e 5. (Grifos acrescentados.)

Esse aspecto condicional do pacto de Deus com Israel foi especialmente enfatizado por Moisés em Deut. 28 e pelo código sacerdotal em Lev. 26.

As seguintes declarações são muito significativas: "O Senhor te constituirá para Si em povo santo, como te tem jurado, *quando* guardares os mandamentos do Senhor teu Deus, e andares nos Seus caminhos." Deut. 28:9.

"Andarei entre vós, e serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo. Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para que não fôsseis seus escravos; quebrei os timões do vosso jugo, e *vos fiz andar eretos*." Lev. 26:12 e 13.

Baseado no livramento histórico do Egito e no concerto sinaítico, o Senhor requeria de Israel não somente confissão de adesão religiosa, mas também amor em ação, a amável vontade de segui-Lo, que é a essência da santidade moral. "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força." Deut. 6:4 e 5; comparar com 10:12, 20; 13:3.

Deus esperava de Israel amor total, lealdade não dividida (também chamada "o temor do Senhor"), como a motivação principal para a obediência a todos os Seus estatutos, um amor agradecido pela redenção já recebida e pela graça mantenedora, concedida ininterruptamente desde sua saída do Egito. De fato, as leis de Israel, quer sejam morais, cerimoniais, dietéticas, ou econômicas, estavam todas contínuas e explicitamente baseadas na reivindicação redentiva de ✨☉☁☁♦ℳ☁☁. "Eu sou o Senhor [✨☉☁☁♦ℳ☁☁]", que é a fórmula típica para a forma abreviada da auto-designação completa de Deus [✨☉☁☁♦ℳ☁☁) como Redentor de Israel. Ver Êxo. 20:2; Deut. 5:6; também Lev. 11:44 e 45; 19:34-36; 25:33-38.

Resumindo, todas as leis dadas por Deus ao antigo Israel não são apenas um eloqüente testemunho do fato de que Deus queria santificar ou consagrar a Israel como

Seus filhos privilegiados, mas também que Deus pretendia restaurar definitivamente em Seus filhos Sua própria imagem moral de veracidade e bondade.

"E sereis santos, porque Eu sou santo" (Lev. 11:44 e 45), é o apelo de Deus ao Seu povo, não somente a pureza ritual, mas também a integridade moral e sanidade física (comparar com Lev. 26:12-23). Isso é expresso mais claramente no culto de adoração de Israel, em que o acesso ao "monte santo" de Deus (✠☉⌘◆ℳ⌘) e ao Seu templo só é possível sob a condição de estar "limpo de mãos e puro de coração" e ter uma vida social irrepreensível à vista de Israel. Sal. 15 e 24.

O fato de que o Israel de Deus tinha que ser fundamental e profundamente moral mostra-se evidente de um modo especial na experiência do encontro pessoal do profeta Isaías com o Santíssimo. Isa. 6:1-7; comparar especialmente com 5:6.

Somente por um conhecimento experimental da gloriosa santidade de Deus tal como era louvada fervorosamente pelos serafins no santuário celestial fez chegar ao nobre profeta uma convicção plena de sua própria indignidade e de sua contaminação interior. Na mais profunda contrição íntima, movido pela visão da santidade de Deus e de Sua imaculada pureza, Isaías sentiu-se indigno para o serviço sagrado. Banido todo sentimento de justiça própria, sentiu-se completamente perdido diante de Deus. Contudo, a santidade divina redime a este adorador verdadeiramente arrependido. Quando a brasa viva do altar celestial tocou os lábios de Isaías, sua alma foi purificada da culpa e impurezas e foi fortalecido para uma nova missão que Deus lhe confiou em favor do apóstata Israel. Assim a santidade divina também *transforma* moralmente o adorador arrependido, dando-lhe uma visão da pureza impecável de Deus e a experiência de uma justificação e reconciliação pessoal procedente do santuário celestial.

A santidade ética diante de Deus não é uma virtude que pode ser doada por qualquer homem ou produzida por certo ritual ou adquirida por comportamento moral. A santidade é a essência absolutamente única da Divindade e portanto só pode ser recebida quando se recebe Deus na alma.

A santidade é pois um dom soberano do Único que é santo, concedida somente aos verdadeiramente arrependidos à medida que eles comungam com Deus em Seu templo, sabendo que só Deus é santo e que só pode ser aceito pela graça. Em tais almas, o Santo dos santos procura habitar: "Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e vivificar o coração dos contritos." Isa. 57:15.

Muitos têm observado como a santidade do sábado do sétimo dia ocupava um lugar central na fé e no culto de Israel. O sábado era até mesmo considerado um "pacto eterno" especial de Deus com as tribos de Israel. Êxo. 31:16. A santificação do sábado tornou-se o sinal mui visível do modo como Deus ainda estava santificando a Israel: "Certamente guardareis os Meus sábados; pois é sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica. Portanto guardareis o sábado, porque é santo vara vós outros." Êxo. 31:13 e 14; comparar com o verso 17; Ezeq. 20:12, 20.

O sábado tem sua origem na criação do mundo (Êxo. 20:8-11; 31:17) e portanto é uma ordenança básica e universal. Tão logo o Criador chegou a ser o Redentor do homem e, particularmente o Salvador dos israelitas, o sábado foi elevado à categoria de sinal único do concerto da graça feito por Deus com Seu povo escolhido; tornou-se um sinal especial da redenção de Israel do cativo egípcio. Deut. 5:15.

Desse modo a celebração do sábado semanal comemorava e glorificava o Deus de Israel ao mesmo tempo como Criador e Redentor. Porém ainda mais do que isso. Desde o princípio, o sábado foi criado com o propósito de que o homem pudesse gozar de comunhão santificadora com Deus. Essa era a bênção do dia de sábado, renovada no concerto de Deus com Israel como uma promessa de repouso divino no quarto mandamento. Comparar com Heb. 4:1-10.

Calvino considerava o sábado de Israel como um verdadeiro *sacramento*, o símbolo da graça regeneradora e santificadora para aqueles que nascem de novo e caminham com Deus pela fé. – *Commentaries on the Book of the Prophet Ezekiel*, vol. 2, (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948), págs. 300, 302.

Por esse motivo o profeta Ezequiel denunciou o desrespeito e profanação do sábado por parte de Israel como sintoma de idolatria e um sinal de sua *profanação do próprio Senhor*. Ezeq. 20:12-24; 22:26; 23:37-39. Essa atitude atraiu sobre Israel a ira de Deus, que foi manifestada de modo dramático no exílio de Israel a Babilônia e na eventual destruição de Jerusalém por Nabucodonosor. Comparar com Jer. 17:18.27; Nee. 13:18.

A Santificação ou Perfeição Cristã

Em o Novo Testamento, o anjo Gabriel reconheceu a Jesus como "santo... Filho de Deus" desde Sua concepção, porque Ele seria cheio do Espírito Santo. S. Luc. 1:35. Até mesmo os demônios se dirigiram a Ele como "o Santo de Deus" S. Mar, 1:24; S. Luc. 4:34. Assim como Deus é chamado Santo, o mesmo acontece com Cristo. Apoc. 3:7; I S. João 2:20.

Paulo chama aos membros da Igreja, a quem ele dirige suas cartas, "os santos", não porque eles fossem moralmente impecáveis, mas porque foram "chamados" por Deus (Rom. 1:7) e estavam "em Cristo" (Fil. 1:1). Pedro descreve a igreja em termos do pacto sinaítico "sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus". I S. Ped. 2:9; comparar com Êxo. 19:5 e 6.

No Antigo Testamento, bem como em o Novo Testamento, os termos "santificação" e "santos" indicam primariamente o estado redimido daqueles que pertencem a Deus e, a partir desta base, desenvolvem o significado de santidade ética.

Em sua consagração a Deus os cristãos são "santos", inclusive sua existência corporal. Rom. 12:1. A epístola aos Hebreus enfatiza especialmente a verdade redentora de que todos os cristãos já foram santificados no sacrifício voluntário de Cristo na cruz: "Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas." Heb. 10:10, comparar com 10:29; 13:12. (Grifo suprido.)

Cristo mesmo aplicou o verbo "santificar" nesse sentido em Sua oração a Deus: "E a favor deles Eu Me santifico a Mim mesmo, para que eles também sejam santificados [consagrados, R. S. V.] na verdade." S. João 17:19; comparar com S. João 10:36.

Paulo usa o termo no sentido litúrgico de *consagração* a Deus quando chama os coríntios de "santos", "santificados em Cristo Jesus" (I Cor. 1:2), e mesmo o cônjuge *descrente* em um casamento pode ser "santificado" ("consagrado", R. S. V.) pelo crente e seus filhos serem considerados "santos" (I Cor. 7:14).

Os "santos" são crentes em Cristo que já pertencem a Deus. Não devem vangloriar-se em si mesmos, porque Deus fez de Cristo sua "justiça, e santificação, e redenção." I Cor. 1:30. Em Cristo, eles são santos perante o Deus verdadeiro. Foram "lavados" (batizados), "santificados" (consagrados), e "justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus." I Cor. 6:11.

Purificação, santificação e justificação são acima de tudo resultados concretos da expiação vicária de Cristo (Heb. 1:3; 10:10; II S. Ped. 1:9), que devem também se converter integralmente em virtudes morais nos crentes batizados. Essa situação cria portanto uma tensão entre o *indicativo* de que estamos em Cristo e o *imperativo* do que devemos ser perante o mundo. Os Apóstolos apelam para o fato da santificação efetuada por Cristo como um dos motivos para manter a santidade ética na conduta moral dos crentes, especialmente em seu comportamento sexual por causa das incursões da licenciosidade pagã. Comparar com I Tess. 4:3-7; Col. 3:5; I Cor. 6:18; Heb, 12:14. Para conseguir esse propósito, Deus concede aos santos o poderoso Espírito Santo, ou Espírito de santidade (Rom. 1:4), como a habitação de Cristo no templo da alma. Efés. 3:16 e 17; Gál. 2:20.

A partir da ressurreição de Cristo, o Espírito Santo também tem sido chamado o Espírito de Cristo e é o poder essencial de Deus em todos os que pertencem pelo batismo: "*Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle. Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis.*" Rom. 8:9, 12, 13. (Ênfase acrescentada.)

Nessas palavras Paulo manifesta claramente que a santificação ética não é um processo automático, espontâneo, do Espírito Santo. Conquanto a santificação seja obra de Deus (I Tess. 5:23), o crente que é santificado (ou consagrado) a Deus é agora convidado a cooperar e desse modo ajudar na efetuação do ato de Deus de pô-lo à parte. O crente, pelo poder do Espírito Santo, aprende a controlar seu próprio corpo "em santificação e honra. ...não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus", I Tess. 4:4. Literalmente: "que cada um de vós saiba como possuir seu vaso em santificação e honra." K. J. V.

As admoestações apostólicas constantemente nos lembram que o Espírito de Deus não é outorgado para desempenhar a nossa parte, no querer ou no efetuar. A pessoa redimida, consagrada, deve estar disposta (em sua mente) a desejar (de fato), isto é, ativamente, cooperar com a vontade de Deus. A vontade do cristão desempenha um papel importante na santificação moral. Nossa vontade estava dominada pelo

pecado e por Satanás. Ao aceitarmos a Cristo como Senhor e Salvador devemos conscientemente entregar e submeter nossa vontade egoísta à vontade de Cristo e de Seu Espírito. Esse é o novo compromisso com Cristo.

Paulo ensina que aqui não pode haver nenhuma posição neutra: "Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça." Rom. 6:17 e 18.

Nada deve ser deixado sob o controle de nós mesmos: "Levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo." II Cor. 10:5. Não podemos controlar nossas emoções ou inclinações, mas somos chamados a controlar a vontade submetendo-a à vontade revelada de Deus. Esse controle pela submissão é a função essencial da vontade redimida.

Ellen G. White tinha por encargo especial tornar claro esse assunto aos cristãos: "A fortaleza de caráter consiste de duas coisas: o poder da vontade e o poder do domínio próprio. Muitos jovens confundem paixão forte e incontrolável com força de caráter; mas a verdade é que aquele que é dirigido por suas paixões é um fraco. A verdadeira grandeza e nobreza do homem é medida pelo poder dos sentimentos que ele domina, não pelo poder dos sentimentos que o dominam. O homem mais forte é aquele que, apesar de sensível ao ultraje, contudo refreia a paixão e perdoa a seus inimigos. Tais homens são verdadeiros heróis." – *Testimonies for the Church*, vol. 4, pág. 656.

Paulo enfatizou aos cristãos de Roma sua obrigação total para com Deus em termos de deveres sacerdotais: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus." Rom. 12:1 e 2; comparar com I S. Ped. 2:4 e 5.

Para compreender melhor essa passagem, precisamos meditar nas seguintes palavras: "O Espírito de Deus não cria novas faculdades no homem convertido, porém opera uma decidida mudança no emprego dessas faculdades. Quando mente, coração e alma são transformados, o homem não recebe uma nova consciência, mas sua vontade se submete a uma consciência renovada, uma consciência cujas sensibilidades adormecidas são despertadas pela operação do Espírito Santo." – E. G. White, *Nossa Alta Vocação*, pág. 104.

O desenvolvimento do caráter moral sempre envolve dois elementos: a escolha consciente e pessoal de fazer o que é correto de acordo com a luz recebida e a obediência aos ditames da consciência em ação concreta. Como pode alguém saber a vontade de Deus e conhecer o que é reto? Embora Paulo escreva: "Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (Gál. 5:25), ele não apela para o Espírito como a fonte objetiva da vontade de Deus, como se o Espírito Santo devesse substituir as Santas Escrituras. Paulo não compartilha de tal misticismo ou gnosticismo. As Escrituras, com sua santa lei do concerto, continuam para ele como a permanente revelação da vontade de Deus e o guia moral que o Espírito Santo só pode reforçar. Rom. 3:20; 7:12, 14; 8:3 e 4; II Tim. 3:16; comparar com S. Tia. 1:22-25; 2:8-12; 1 S. João 2:4-6.

Contudo, o Apóstolo tinha consciência de que não é fácil conhecer a vontade de Deus em todas as circunstâncias da vida, mesmo quando lemos a Bíblia. O cristão necessita do amor lá do Alto e da sabedoria espiritual para saber o que é agradável a Deus: "Por esta razão não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor." Efés. 5:17.

Por isso necessitamos orar sem cessar, como fazia Paulo: "Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o Seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra, e crescendo no pleno conhecimento de Deus." Col. 1:9 e 10.

O conceito apostólico da santificação cristã é dinâmico e progressivo, crescendo constantemente no conhecimento de Deus, e "na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". II S. Ped. 3:18. Mas o crescimento não é automático, quer físico, quer espiritual. O crescimento espiritual, tal como o crescimento físico, requer alimento, bebida e exercício.

Aceitar meramente as doutrinas da Bíblia como verdadeiras interpretações das Escrituras, inclusive a doutrina de Cristo como Deus-Homem e da justificação pela fé como o centro do evangelho, não é suficiente; permaneceria apenas como um assunto de crença conscienciosa e exercício intelectual. Cristo não Se satisfaz Se tivermos meramente opiniões corretas sobre Ele e a verdade. Disse Ele: "Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a Minha carne é verdadeira comida, e o Meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue, permanece em Mim e Eu nele." S. João 6:53-56.

A expressão comer e beber de Cristo é um duro discurso para os literalistas, mas Jesus explicou como o Espírito Santo e Suas palavras deveriam ser juntamente assimilados no coração e na vida: "O espírito é o que vivifica. ...as palavras que Eu vos tenho dito, são espírito e são vida." S. João 6:63.

O caráter é formado daquilo que a mente come e bebe. Crendo e obedecendo as palavras de Cristo, as promessas e ensinamentos das Escrituras, o cristão torna-se participante de Cristo e da natureza divina de Seu caráter. II S. Ped. 1:4-8.

Ellen G. White comenta essas "duras" palavras de Jesus (S. João 6:63): "Devemos ser intérpretes vivos das Escrituras, honrando a Cristo ao revelar Sua mansidão e humildade de coração. Os ensinamentos de Cristo devem ser para nós como as folhas da árvore da vida. Ao comermos e assimilarmos o Pão da vida, revelaremos um caráter simétrico." – *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 5, pág. 1185. "Devemos conhecer a aplicação prática da Palavra à nossa própria edificação individual do caráter. Devemos ser templos sagrados, nos quais Deus possa viver, andar e operar." *Ibid.*

Em outra metáfora, Jesus ensinou que a união da alma com Cristo se fizermos de Suas palavras nosso princípio de vida: "Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis

fazer. Se permanecerdes em Mim e as Minhas palavras permanecerem em vós." S. João 15:5, 7.

Todas as epístolas apostólicas do Novo Testamento culminam com fervorosas exortações morais e admoestações para seguir a Cristo e Seus mandamentos. Porém nenhuma contém advertências tão sérias contra o abandono voluntário da fé como a epístola aos Hebreus. Baseando-se nas experiências de apostasia do antigo Israel, diz o autor: "Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de fato guardarmos firme até ao fim a confiança que desde o princípio tivemos." Heb. 3:12-14; comparar com 10:23-25. (Grifos supridos.).

Todo os escritos apostólicos revelam esse *motivo escatológico* de perseverar "até ao fim" na vida santificada. Os cristãos não estão isentos do juízo final. "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito, por meio do corpo." II Cor. 5:10; comparar com Rom. 14:10; I Cor. 3:15.

Cristo já havia indicado a responsabilidade do cristão de perseverar: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo." S. Mat. 24:13. Estas advertências indicam claramente que os mesmos juízos cairão sobre os cristãos apóstatas e infrutíferos como caíram sobre os antigos israelitas que não puderam entrar na Terra Prometida por causa de sua incredulidade e desobediência. Ver Heb. 3:16-19; 6:4-6; 10:25-31; 1 Cor. 10:6-12.

G. E. Ladd observou significativamente: "A admoestação de que os homens impuros, imorais ou idólatras não herdarão o reino de Deus (Efés. 5:5) é dirigida aos cristãos." – *A Theology of the New Testament*, págs. 521 e 522. A mensagem é inconfundível: "Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo." Heb. 10:26 e 27.

Por outro lado, os peregrinos cristãos que caminham em direção a um País melhor são encorajados a crescer até à completa estatura de Cristo (Efés. 4:13) aprendendo e experimentando cada vez mais o que é a perfeição cristã. Esse crescimento se fundamenta nas verdades elementares da Palavra de Deus, mas vai além: "Mas o alimento sólido é para os adultos [literalmente: os perfeitos], para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal." Heb. 5:14. "Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor." Heb. 12:14. "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus." II Cor. 7:1. "E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus." Filip. 1:9-11.

Os cristãos evidentemente necessitam mais do que uma justificação ou santificação puramente legal. Precisam de santidade de caráter, embora a salvação seja

sempre pela fé. O título para o Céu está somente na justiça de Cristo. Em acréscimo à justificação, o plano de Deus para a salvação provê através desse título uma *aptidão* para o Céu produzida pela habitação de Cristo em nós. Essa aptidão deve ser revelada no caráter moral do homem como evidência de que a salvação "já ocorreu".

Aqueles que recebem de Deus essa aptidão, ou qualificação moral, não se sentem santos, perfeitos ou justos mas, pelo contrário, dão graças ao Pai que os "qualificou" ou os habilitou para participar da herança futura. Continuam a operar sua salvação com temor e tremor, sabendo que é Deus quem opera neles tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade. Comparar com Filip. 2:12 e 13. Não somente conhecem a vontade de Deus, mas também a fazem pelo poder de Deus. Comparar com S. Mat. 7:21; S. João 7:17; 14:15; 1 S. João 2:4-6.

Sua oração a Deus: "Faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu." (S. Mat. 6:10), não é meramente uma resignação passiva à operação da providência divina. Em seu mais amplo sentido, do ponto de vista do propósito último de Deus para eliminar o pecado da Terra, essa oração é "uma afirmação ativa que se dispõe a realizar a vontade divina (Seu plano de salvação) e a dirigi-la em direção ao seu objetivo". – *The New International Dictionary of New Testament Theology*, vol. 3, 1978, pág. 1.022.

Concluindo, Paulo resumiu o conjunto das verdades do evangelho acerca da santidade de vida que se espera dos cristãos com estas preciosas palavras: "Para mim o viver é Cristo." Filip. 1:21.

E. G. White dá também toda a glória a Jesus Cristo ao concluir: "Aceitar a Cristo como Salvador pessoal e seguir Seu exemplo de auto-renúncia – este é o segredo da santidade." – *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1.117.

GLORIFICAÇÃO

"E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou." Rom. 8:30.

O plano divino de salvação, que se estende de eternidade a eternidade, não é uma reflexão tardia manifesta após o surgimento do pecado. Deus providenciou a salvação no Cordeiro imolado antes da fundação do mundo. Desde a queda do homem, Deus não tem cessado de chamar os pecadores de volta ao lar. Através dos patriarcas e profetas, sacerdotes e reis, a voz de Deus tem estado insistindo e clamando: "Olhai para Mim, e sede salvos, vós, todos os termos da Terra." Isa. 45:22.

Aqueles que retornam com fé e arrependimento, Ele os justifica pela Sua graça, santificando-os para o Seu serviço e convida-os para a santidade de vida, em uma aliança transformadora com Ele. Mas Deus tem para o homem um propósito ainda mais glorioso do que a justificação e a santificação moral. Ele guarda o melhor vinho para o final.

O ato final de Deus no processo de redenção será a glorificação dos santos em sua ressurreição e transladação. Assim como a justificação tem como alvo nossa santificação, assim a santificação tem como objetivo nossa glorificação. A glorificação é um ato mediante o qual Deus permite que os redimidos compartilhem de Sua radiante glória. Isso significará salvação em seu sentido mais amplo e final, o propósito escatológico do homem e de toda a Criação. Escreve Paulo àqueles que são justificados pela fé e têm paz com Deus por meio de Jesus Cristo: "E gloriemo-nos na esperança da glória de Deus." Rom. 5:2. Tal expectativa é uma honra e um privilégio incrivelmente elevados para os crentes que não contam com nenhum mérito, porém estão arrependidos.

Alguns homens e mulheres do passado tiveram vislumbres desse esplendor divino. Quando Moisés desceu do Monte Sinai seu rosto refletia a terrível glória de Deus e o culpado Israel ficou atemorizado. Êxo. 34:29.35. Muito mais tarde, quando Jesus Se transfigurou em glória em uma alta montanha aos olhos de três dos Seus Apóstolos, "o Seu rosto resplandecia como o Sol, e as Suas vestes tomaram-se brancas como a luz". S. Mat. 17:2.

Porém tais acontecimentos não foram senão indícios de uma mais sublime realidade futura, de uma glória mais perdurável, para todos os que vivem em paz e comunhão com Deus por meio de Jesus Cristo.

O propósito de Deus para o Seu povo do concerto inclui a transfigurada totalidade corporal do ser humano na glória celestial. Tal glória não podemos produzir, mas virá de Deus quando Cristo aparecer pela segunda vez, "sem pecado, aos que O aguardam para a salvação". Heb. 9:27.

Disse Paulo: "Pois a nossa pátria está nos Céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da Sua glória." Filip. 3:20, 21. "Quando Cristo, que é a nossa vida, Se manifestar, então vós também sereis manifestados com Ele, em glória." Col. 3:4.

A certeza dessa glória vindoura está relacionada com a garantia do segundo aparecimento de Cristo. Os Apóstolos tinham suas esperanças inabalavelmente arraigadas nessa esperança apocalíptica porque Cristo pessoalmente havia despertado

neles essa esperança com Sua promessa: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estou estejais vós também." S. João 14:1-3.

De acordo com Pedro, essa esperança estava em perfeita harmonia com as Escrituras Hebraicas: "Ao qual [Jesus] é necessário que o Céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos Seus santos profetas desde a antigüidade." Atos 3:21.

Pedro compreendia o tempo que se estende entre o primeiro e o segundo advento de Cristo como os "últimos dias" em que os escarnecedores negariam o juízo vindouro por suas palavras arrogantes e viver desavergonhado. Ver II S. Ped. 3:3-7. Solenemente assegurou a seus discípulos:

"Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento. Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a Terra e as obras que nela existem serão atingidas. *Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus*, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos céus e nova Terra, nos quais habita justiça. *Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por ser achados por Ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis.*" II S. Ped. 3:9-14. (Grifos adicionados.)

Vemos aqui como a esperança do cumprimento final da palavra profética tornou-se para Pedro um poderoso incentivo para o viver vitorioso e santificado. Ver os versos 11, 12 e 14; e também I S. Ped. 1:13.

João concorda perfeitamente com Pedro quando declara: "Sabemos que, quando Ele [Cristo] Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque havemos de vê-Lo como Ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nEle tem esta esperança, assim como Ele é puro." I S. João 3:2 e 3.

Evidentemente, para Pedro e João a esperança cristã não era um quietismo estéril ou ilusória utopia, mas uma esperança que realmente purifica a vida cristã de hábitos pecaminosos, tomando a vida histórica de Cristo entre os homens como o resplendente modelo de santidade e a norma de justiça. Ver I S. João 2:6, 29; 3:3,7.

Paulo leva ainda mais longe esta relação de santificação e glorificação, quando escreve aos cristãos gentios de Colossos que as gloriosas riquezas da revelação evangélica é "Cristo em vós, a esperança da glória". Col. 1:27.

O evangelho de Paulo não somente tenta apresentar a cada crente "perfeito em Cristo" (Col. 1:28), mas também reproduzir a Cristo perfeitamente em cada crente. A alguns membros da Igreja que tinham idéias confusas, ele escreveu: "Meus filhos, por quem de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós." Gál. 4:19; comparar com II Cor. 13:5.

Paulo considerava essencial o caráter e a vida cristã para a futura glorificação. A presença de Cristo, ou seja, o Espírito de Cristo regendo o coração e a vida do cristão,

era para Paulo a condição e a garantia da glorificação do nosso corpo mortal. Declarou: "Se habita em vós o Espírito dAquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do Seu Espírito que em vós habita." Rom. 8:11. "Deus nos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para alcançar a glória de nosso Senhor Jesus Cristo." II Tess. 2:13 e 14.

Ellen G. White falou do mesmo modo que Paulo ao declarar: "Nosso único motivo de esperança está em ser-nos imputada a justiça de Cristo – essa justiça produzida pelo Seu Espírito a operar em nós e por nós." – *Caminho a Cristo*, pág. 54.

Cristo em vós, a esperança da glória. Essa verdade apostólica significa que sem Cristo habitando em nosso coração não há nenhuma garantia ou esperança de glorificação. Cristo em nós, contudo, significa mais do que a expectativa da glória futura; significa a participação na glória de Cristo aqui e agora.

Comparada com o fulgor decrescente do rosto de Moisés no Monte Sinai, o cristão tem uma glória muito superior que começa agora e vai aumentando dia após dia. "E não somos como Moisés que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia. ... E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito." II Cor. 3:13, 18.

De que modo podemos contemplar a glória do Senhor a fim de refleti-la aqui e agora? Contemplar a Cristo significa fixarmos nossos olhos em Jesus, em Sua imagem tal como a encontramos em Sua palavra e retratada pelos evangelistas do Novo Testamento. Contemplando a atraente amabilidade do caráter de Cristo, o crente se tornará mudado à Sua imagem por assimilação moral.

Ellen G. White explicou isso com profundas palavras: "Ao receber Sua justiça imputada, mediante o poder transformador do Espírito Santo, tornamo-nos semelhantes a Ele. A imagem de Cristo é entesourada, e cativa todo o ser." – *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1.098.

"Quando Cristo é mais amado do que o próprio eu, a bela imagem do Salvador é refletida no crente. ... Até que o eu seja posto no altar do sacrifício, Cristo não será refletido no caráter. Quando o eu está sepultado e Cristo ocupa o trono do coração, haverá uma revelação de princípios que limpará a atmosfera moral que circunda a alma." – *Ibid.*

"A mente está nublada pela má-lia sensual. Os pensamentos necessitam ser purificados. De quanto não seriam capazes os homens e as mulheres se compreendessem que o vigor e a pureza da mente dependem em tudo do trato que dão ao corpo." – *Ibid.*, vol. 7, pág. 909.

"Satanás está tentando ocultar a Jesus de nossa vista, eclipsar Sua luz; porque quando obtemos um vislumbre de Sua glória, somos atraídos a Ele. O pecado oculta de nossas vistas os incomparáveis encantos de Jesus." – *Ibid.*, vol. 6, pág. 1.097.

Paulo reconhecia que o rosto de Jesus Cristo refletia a "iluminação do conhecimento da glória de Deus". II Cor. 4:6. Aqueles que em sua incredulidade não podem ver em Cristo a imagem de Deus devem estar ainda cegados por Satanás à "luz do evangelho da glória de Cristo". V. 4.

Provando o Futuro

Por outro lado, aqueles que foram iluminados e participaram do Espírito Santo têm realmente provado os *poderes do mundo vindouro*. Heb. 6:5. Em outras palavras, em Cristo os poderes da glória futura já irromperam nesta era; esse poder e essa glória podem e devem ser "provados" ou experimentados agora por aqueles que estão em Cristo. Assim o verdadeiro cristão não somente crê nas glórias futuras do Céu, mas também já participa delas com deleite e regozijo tendo a Cristo em seu coração.

Paulo vai muito mais longe a ponto de declarar que só participaremos da glória futuro de Cristo se agora tivermos parte em Seus sofrimentos. Tais aflições ele sempre via na perspectiva das alegrias eternas da glória futuro. O Apóstolo nos surpreende com sua radical avaliação: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória flor vir a ser revelada em nós." Rom. 8:18.

Paulo podia fazer uso de expressões tão vigorosas porque ele tinha usufruído o privilégio especial da parte de Deus de ser "arreatado ao terceiro Céu ...ao paraíso" e de ouvir "palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir." II Cor. 12:2, 4. Somente ele podia testificar que as glórias do Céu eram, como o próprio Deus, indescritíveis, contudo esmagadoramente reais: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem pregando para aqueles que O amam." I Cor. 2:9; comparar com Isa. 64:4.

A glória prometida era tão dramaticamente real para Paulo que ele chamou a todos os seus anos de provas e tribulações por causa de Cristo de "leve e momentânea tribulação" que estavam alcançando para ele e seus companheiros um "eterno peso de glória, acima de toda comparação". II Cor. 4:17.

Quão real e precioso em Cristo para o Apóstolo Paulo! Ele via a realidade de uma maneira mui simples e completa: "Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer, é lucro." Filip. 1:21.

A realidade futura tinha para ele muito mais peso do que o presente, e isso determinou sua atitude em relação ao sofrimento nesta vida.

Isso não significa que as aflições eram totalmente irrelevantes para Paulo. Ao contrário, ele as via como obreiras, ou instrumentos, permitidas por Deus para o aperfeiçoamento do seu caráter cristão. Paulo lutou com o Senhor três vezes para que tirasse um "espinho" de sua carne, uma aflição corporal que muitos acreditam ter sido sua visão deficiente. Comparar com Gál. 4:15; 6:11. Contudo, a resposta de Deus foi Não! "A Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza." II Cor, 12:9. O Apóstolo interpretou essa resposta como a maneira de Deus purificá-lo e protegê-lo: "para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações". Verso 7. Assim, Paulo cooperava com o plano de Deus, regozijando-se em perseguições e em tribulações. "Porque quando sou fraco, então é que sou forte." Verso 10.

Paulo julgava todas as suas dificuldades à luz dos valores eternos e se manteve firme sob todas as privações por causa do poder invencível do evangelho de Cristo. Tentando explicar o sublime propósito de suas fadigas, escreveu: "Temos, porém, este

tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém, não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a Sua vida se manifeste em nosso corpo." II Cor. 4:7-10; ver também 11 :23-29.

Esse nobre objetivo habilitou o fraco Apóstolo a ser espiritualmente vitorioso e alcançar a plenitude da estatura moral de um homem em Cristo Jesus. Efés. 4:13.

Finalmente ele formulou um dos mais profundos e misteriosos princípios para uma experiência cristã mais elevada: "Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo, e não somente de crerdes nEle." Filip. 1:29. (Grifos supridos.)

Paulo via o sofrer e o morrer por Cristo como a mais elevada honra para o cristão. Embora nem todos sejam chamados ao martírio, Paulo viu ainda que "todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos". II Tim. 3:12.

Realmente, a "vida piedosa" é digna de ser vivida, apesar de suas tribulações e martírio porque é o preparo e qualificação para o reino da glória: "Através de muitas tribulações [ou, aflições], nos importa entrar no reino de Deus." Atos 14:22.

Mesmo os santos do Antigo Testamento que pela fé andavam nas promessas de Deus foram em muitas ocasiões torturados ou martirizados, porque olhavam para o futuro, esperando sua recompensa na ressurreição. Heb. 11:35-40.

Está escrito acerca de Moisés: "Porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão." Heb. 11:26.

Abraão já "aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Heb. 11:10) e portanto vivia em tendas como um peregrino em terra alheia (verso 9). Assim todos os crentes dos tempos anteriores a Cristo viveram pela fé até o fim: "Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Mas agora aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade." Heb. 11:13, 16. Nenhum daqueles santos entraram naquele país celestial, ou Nova Jerusalém. "Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé, não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados." Heb. 11:39 e 40.

Da mesma forma que Abraão, Isaque e Jacó, todos eles aguardam a ressurreição dos justos mortos, a qual somente terá lugar por ocasião da segunda vinda de Cristo. Comparar com S. Luc. 20:87 e 35. Referindo-se a esse momento, Paulo disse: "Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor." I Tess. 4:16 e 17.

De modo que os santos tanto do antigo como do novo pacto são ressuscitados e transladados em glória juntamente na segunda vinda de Cristo. Isso não pode ser nenhum evento secreto ou invisível: "Porque o Filho do homem há de vir na glória de

Seu Pai, com os Seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme as suas obras." S. Mat. 16:27; comparar com S. Mar. 8:38.

O plano de Deus para o Seu povo jamais foi arrebatá-los de modo súbito e invisível das tribulações, mas protegê-los *em* suas provas. S. João 17:15. Muitos foram mortos, sendo martirizados por causa de sua fé nas promessas de Deus, e muitos outros morrerão, até que o veredicto divino declare que já basta. Apocalipse 6:9-11; 20:4. Então os redimidos sairão finalmente da "grande tribulação" e receberão um lugar de honra no reino da glória, no qual Cristo "os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima". Apoc. 7:9, 14-17.

Todos os Apóstolos acharam que valia a pena sofrer por essa glorificação, como observa E. G. White: "De todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo em seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 225.

O Dom Apocalíptico da Glória Imortal

Nas Sagradas Escrituras, o homem é uma unidade indivisível. O Criador fez o homem originalmente do pó da terra e então soprou nos narizes do corpo perfeito porém sem vida Seu próprio sopro de vida. Como resultado da *combinação* do espírito de vida com o corpo inanimado, "o homem passou a ser alma vivente". Gên. 2:7. Essa primeira declaração bíblica acerca da alma humana nos ensina claramente que nossa alma vivente não é o espírito de vida ou uma entidade distinta do nosso corpo, mas que inclui tanto o corpo como o espírito.

Na morte, tem lugar um processo contrário, quando o pó *retorna* à terra como era, e o espírito volta para Deus, de onde procedeu. Somente o Criador é imortal por natureza. Comparar com I Tim. 6:16. O veredicto divino é que a alma que pecar, morrerá. Ezeq. 18:4, 20.

Quando o espírito de vida, manifestado no sopro de vida, deixa o corpo por ocasião da morte, não somente o corpo morre, mas também a alma humana morre ou deixa de existir como uma alma "vivente." Um cadáver humano é chamado na Bíblia Hebraica uma "alma morta". Núm. 6:6, comparar com 19:11, 18.

A morte não significa para a alma sofrimento ou estado de consciência fora do corpo, mas simplesmente o oposto ou ausência de vida. Paulo escreveu: "Porque o salário do pecado é a morte, mas o *dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus* nosso Senhor." Rom. 6:23. (Ênfase suprida.)

Nosso nascimento natural e nossa vida já são um dom do Criador. Sal. 139:18. Nosso novo nascimento com a vida espiritual que com ele se inicia é um dom de Deus em Cristo como Recriador. Paulo afirma: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura." II Cor. 5:17. O crente assim renascido tem o Espírito de Cristo em si e portanto "passou da morte para a vida", e tenha a vida eterna porque tem o Filho. I S. João 3:14; S. João 5:24. João testifica: "Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." I S. João 5:11 e 12.

Porém mais do que isso, Deus promete dar a vida eterna também *ao nosso corpo mortal* quando Cristo regressar por ocasião da última trombeta apocalíptica. Paulo desenvolve essa gloriosa promessa de Deus em três capítulos: Rom. 8, 1 Cor. 15 e II Cor. 5.

Em Rom. 8 encontramos desdobrada a seguinte esperança de glória: "Se habita em vós o Espírito dAquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do Seu Espírito que em vós habita. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. Porque na esperança fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperarmos o que não vemos, com paciência o aguardamos." Rom. 8:11, 19, 22-25.

A novidade mais extraordinária dessa passagem é que os cristãos que têm o Espírito Santo em seu coração *ainda* "gemem interiormente", exatamente como "toda a criação" está gemendo desde a queda do homem por causa do "cativeiro da corrupção". Rom. 8:21. Os seres humanos somos parte de uma mais vasta realidade criada; de fato, como filhos e filhas de Deus fomos feitos os representantes deste planeta, coroados de glória e honra. Sal. 8:3-8. Com a queda do homem, toda a criação caiu juntamente sob um acúmulo crescente de maldições, de morte e decadência. Gên. 3:17-19; 4:11; 6:11-13.

Por outro lado, quando os seres humanos forem por fim completamente restaurados como filhos e filhas de Deus, em sua gloriosa libertação da morte, toda a Terra será finalmente libertada do seu cativeiro de decadência. Rom. 8, 19, 21.

Cristo falou daquele dia como "a renovação de todas as coisas" [literalmente, regeneração] (S. Mat. 19:28); e Pedro falou dele como os "tempos da restauração de todas as coisas". Atos 3:21. De modo dramático-poético, Paulo indicou mais detalhadamente que essa renovação de todas as coisas depende da gloriosa manifestação da filiação divina do ser humano: "A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus." Rom. 8:19. "Na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus." Verso 21.

Os cristãos renascidos aguardam ansiosamente a final "adoção de filhos", a redenção de seus corpos, "porque na esperança somos salvos". Verso 23 e 24.

A palavra redenção é especialmente significava para Paulo. Os cristãos são salvos pela fé em Cristo (Efés. 2:5, 8) porque eles têm "a redenção (*apolutrosin*), pelo Seu sangue, a remissão dos pecados" (Efés. 1:7). Em Rom. 3:24, Paulo identifica essa *presente* redenção com a *justificação pela graça*.

Paulo também empregou esse mesmo termo "redenção" para designar a salvação futura dos cristãos quando eles receberão sua gloriosa herança, da qual o Espírito Santo no coração é presentemente apenas um "depósito". "E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção (*apolutroseos*)" (Efés. 4:30); "em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa

salvação, tendo nEle também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa. O qual é o penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade, em louvor da Sua glória". Efés. 1:13 e 14.

Em Rom. 8:23, Paulo explica mais detalhadamente o que ele entende por aquela redenção futura quando se refere à "a redenção de nossos corpos" (*apolutrosin*). Para ele não se trata de redimir a alma do corpo – como era a idéia prevalecente da filosofia gnóstica – mas a redenção de nosso corpo como entidade física. Essa é a redenção apocalíptica pela qual os cristãos esperam e aguardam com imenso anelo. Rom. 7:14-24; S:13.

Paulo usa também a expressão "adoção como filhos" (*huiiothesias*), nesse sentido duplo. A adoção de filhos em Rom. 8:15 e Gál. 4:5 é o *dom presente* do Espírito pelo qual chamamos a Deus de "Abba", Pai. Mas em Rom. 8:23 a "adoção de filhos" é claramente o *dom futuro* (*apocalíptico*) da gloriosa revelação dos filhos de Deus ante o Universo, pelo qual a criação inteira está aguardando com ansiedade.

Assim deparamos com a realidade surpreendente de que Paulo pode dizer no mesmo capítulo (Rom. 8) que os crentes experimentam agora sua "adoção de filhos" de Deus através do Espírito Santo (versos 14-16), embora continuem esperando sua final "adoção como filhos". Verso 23.

Paulo pode ao mesmo tempo dizer: *já* estamos redimidos (Efés. 1:7), e *ainda não* estamos redimidos (Efés. 4:30; Rom. 8:23).

Como pode alguém explicar essa tensão entre o "já" e o "ainda não"? A resposta se encontra na obra de Cristo em favor de nossa redenção. Paulo relacionou nossa *presente salvação com a primeira vinda de Cristo*. Nos acontecimentos históricos da crucifixão, ressurreição e ministério celestial de Cristo, nossa justificação e santificação estão asseguradas de uma vez por todas. Contudo, nossa *futura salvação*, a glorificação do *nosso corpo*, Paulo relacionou com a *segunda vinda de Cristo*.

Por esse motivo Paulo pode dizer simultaneamente: "Estamos salvos", tendo em vista a cruz e a ressurreição de Cristo no passado; e "ainda não estamos salvos", olhando para o futuro regresso de Cristo a fim de redimir nosso corpo.

Insistir unilateralmente em nossa salvação presente ou futura em detrimento uma da outra, é representar mal a Cristo como nossa salvação. A bem-aventurada segurança e o *gozo* de nossa presente salvação em Cristo jamais devem ser minados ou eclipsados pelo temor do juízo final de Deus. Realmente, não há esperança de glorificação a não ser para aqueles que têm experimentado a reconciliação, justificação e santificação. Todavia, os cristãos que pensam que a perfeição da glorificação já ocorreu, vivem em uma falsa confiança própria. Para aqueles que foram enganados por essa ilusão gnóstica o grande Apóstolo Paulo escreveu:

"Não que eu o tenha já recebido, ou que tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se porventura pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá. Todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos." Filip. 3:12-16.

"Assim, pois, amados meus... desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade." Filip. 2:12 e 13.

A glorificação ainda se apresenta diante de todos os cristãos como um dom da graça divina para todo aquele que tem esperado por ela no temor do Senhor. O selo final da aprovação divina não será colocado sobre os que são justos aos próprios olhos ou que confiam em si mesmos, mas antes sobre aqueles que têm um coração contrito e um espírito humilde, que pela operação do Espírito Santo sentem sua necessidade de Deus e imploram interiormente a plenitude de Sua santa presença. Ezeq. 9; Apoc. 3:14.22; Rom. 7:14-25.

Podemos dizer com E. G. White: "Aqueles que desconfiam de si mesmos, que se humilham diante de Deus e purificam sua alma pela obediência á verdade - esses estão recebendo o molde celestial e estão se preparando para receber o selo de Deus em suas testas." – *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 216.

Esses crentes não vivem na falsa segurança de um espírito jactancioso. Vivem sua vida santificada na bendita confiança nas promessas de Deus que não falharão para aqueles que conservam o seu pacto com Deus numa relação de fé e obediência.

Paulo não temia morrer, nem se sentia inseguro quanto ao seu destino: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a Sua vinda." II Tim. 4:7 e 8.

"Todavia não me envergonho; porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia." II Tim. 1:12.

Os santos da velha aliança também se apegavam à certeza da futura salvação em sua adoração de ✨🌀🌀♦️🌀🌀 em Seu templo: "Tu me guias com o Teu conselho, e depois me recebes na glória." Sal. 78:24. "Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois Ele me tomará para Si." Sal. 49:15.

Em ambos os salmos se usa o verbo hebraico ●🌀🌀🌀🌀 (tomar, arrebat), que é o termo técnico para designar a "transladação" em glória. O verbo foi empregado para a transladação corporal, ou a glorificação, de Enoque e Elias (Gên. 5:24; Heb. 11:5; II Reis 2:1, 9-11) e para a ascensão de Jesus Cristo (em seu equivalente grego: S. Mar. 16:19; Atos 1:2, 11, 22; I Tim. 3:16).

A experiência de Enoque é a *condição* básica para se receber a imortalidade: "Andou Enoque com Deus." Gên. 5:24. O salmista descreveu essa condição: "Tu me guias com o Teu conselho." Sal. 73:24.

Essa condição se refletirá nos crentes cristãos que aguardam a bem-aventurada esperança: "Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensato, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo." Tito 2:11-13.

Ainda que o Espírito Santo possa habitar no coração dos crentes, contudo ainda permanece na subjugada porém pecaminosa natureza humana do cristão uma tendência que continua a resistir às instruções e ao poder do Espírito Santo, a escolher o próprio caminho, a servir ao próprio eu em vez de servir à vontade revelada de Deus.

A batalha entre nossas tendências carnis que apelam para o próprio eu e o Espírito Santo não têm fim para os que vivem deste lado da eternidade, até mesmo quando o cristão vive uma vida vitoriosa. Gál. 5:16 e 17. "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia." I Cor. 10:12.

O relato da queda do Rei Salomão e da confiança própria e queda de Pedro são sérias advertências para todos os crentes. I Reis 11; S. Mat. 26:33-35. E adverte Ellen G. White:

"Enquanto a vida durar, é necessário guardar-nos contra as afeições e paixões com um propósito firme. Há corrupção interna, há tentações externas, e onde quer que a obra de Deus avance, Satanás planeja arranjar de tal modo as circunstâncias que a tentação venha com subjugante poder sobre a alma. Não podemos estar seguros um só momento, a menos que estejamos apoiados em Deus, a vida escondida com Cristo em Deus." – S. D. A. Bible Commentary, vol. 2, pág. 1.032.

Os crentes possuem em sua vida e corpo a plenitude do Espírito apenas como "as primícias do Espírito" (Rom. 8:23) ou com "um depósito (*arrabon*) garantindo nossa herança". Efés, 1:14. Paulo fala mais distintamente dessa herança como sendo nosso corpo glorificado, que Deus concederá aos crentes fiéis "para que o mortal seja absorvido pela vida". II Cor. 5:4. "Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito." II Cor. 5:5.

Novamente Paulo descreve a presença do Espírito Santo em nosso coração como o "um depósito" (*arrabon*), ou primeira prestação, de um pagamento, penhor, garantia, fiança, que garante a divina glorificação, ou transladação do nosso corpo, para "uma casa não feita por mãos, eterna, nos Céus". II Cor. 5:1. Em tal corpo o Espírito Santo tem pleno e perfeito domínio. Esse corpo glorificado será a "colheita" apocalíptica da qual o Espírito Santo em nosso presente corpo mortal é as "primícias". Rom. 8:23.

Paulo desenvolve mais extensamente o tema do corpo glorificado em I Cor. 15. Como assinalou acertadamente G. E. Ladd: "O argumento básico de I Cor. 15 é dirigido contra o ponto de vista grego da sobrevivência da personalidade fora de qualquer forma de existência corporal." – A Theology of the New Testament, pág. 465.

O Apóstolo revela que nosso presente corpo mortal, mesmo o dos cristãos espiritualmente maduros, não estão aptos para entrar no eterno reino de Deus: "Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade." I Cor. 15:50-53.

O corpo imperecível é o dom apocalíptico de glória imortal que Deus dará ao Seu povo. Os cristãos devemos desenvolver em nosso corpo mortal um caráter perfeito sob a orientação do Espírito Santo. Mas ainda continuaremos tendo neste mundo um corpo perecível "natural" (*psuchikon*) até a morte. Versos 42-44. Não que o corpo em si seja intrinsecamente pecaminoso. Não, o Criador não fez corpos pecaminosos. Mas após a queda, o corpo tornou-se um instrumento do nosso eu egoísta, de "nossa carne", de nossa natureza humana caída. O corpo, ou a carne, não são em si pecaminosos. Mas

porque o eu egoísta utiliza-se do corpo para seus propósitos egoístas, o corpo é denominado por Paulo "o corpo do pecado". Rom. 6:6. Somente o milagre divino da ressurreição corporal (ou transformação) revestirá os crentes de um imperecível e imortal corpo "espiritual" (*pneumatikon*). I Cor. 15:42-44. Não mais o corpo instigará o eu egoísta, o fraco e intemperante eu a desviar-se de sua função. Não mais será o corpo um instrumento do pecado.

Este corpo espiritual não é um espírito desencarnado, nem um fantasma constituído só de *pneuma* (espírito); o corpo ressuscitado é um corpo real e tangível que serve como um organismo perfeito para a habitação do Espírito Santo.

Na Bíblia, a personalidade humana não pode existir à margem da existência corporal. Se o corpo mortal ou carne morre, o ser humano só pode viver novamente se o Criador fizer um corpo para ele. II Cor. 5:1-5.

Enquanto o corpo "natural", mortal é "semeado em desonra" (na sepultura), o corpo espiritual "ressuscita em glória" (I Cor. 15:42) e portanto apto para a vida eterna. Paulo comparou esse corpo glorificado com o corpo de Cristo ressurgido, que também "transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da Sua glória". Filip. 3:21.

O corpo ressuscitado de Cristo não era absolutamente um espírito descarnado, porém tão real e tangível como era conhecido antes da crucifixão. S. Luc. 24:37, 43. Como o corpo de Cristo ressuscitado, assim também nosso corpo ressurreto conservará os traços específicos de nossa personalidade individual. Abraão, Isaque e Jacó, por exemplo, estarão todos presentes em pessoa no reino dos céus e serão imediatamente reconhecidos, porque eles também ressuscitarão dos mortos. S. Luc. 20:37 e 38.

Apesar das diferenças, alguma *continuidade* básica entre nosso presente corpo e o novo corpo permanece, assim como a continuidade da semente e da planta que nasce dela. I Cor. 15:35-38.

Ellen G. White faz esta intrigante observação:

"Nossa identidade pessoal é preservada na ressurreição, embora não sejam as mesmas partículas de matéria ou substância material que foram para a tumba. As maravilhosas obras de Deus são um mistério para o homem. O espírito, o caráter do homem, volta para Deus, a fim de ser preservado. Na ressurreição, cada homem terá seu próprio caráter. Deus em seu devido tempo chamará os mortos, desenvolvendo-lhes o fôlego da vida, e fazendo os ossos secos viverem. Eles se levantarão com a mesma forma que tinham, porém isentos de doença e de todo defeito. E viverão novamente, conservando os mesmos traços individuais, de sorte que os amigos se reconhecerão." – *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1.093.

Enquanto seguirmos com nosso corpo atual, natural e débil, não podemos ainda pôr-nos fora do alcance das paixões e inclinações que instigam e tentam ao pecado até mesmo um crente vitorioso, como Ellen G. White declara: "Não podemos dizer: 'Estou sem pecado' enquanto este corpo vil não for mudado e transformado à semelhança de Seu corpo glorioso." – *Signs of the Times*, 23 de março de 1888.

Paulo pôs limite ao ilimitado entusiasmo e alegria exuberante de alguns cristãos mal informados, tirando uma conclusão muito realista da natureza de nosso presente

corpo "natural". Somente quando "nós" formos "transformados ... num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta", e o corpo mortal se revestir de imortalidade, então o pecado, no sentido do "agulhão" do estímulo pecaminoso (isto é, a tentação) será *totalmente erradicado* de nós.

Paulo resumiu a lição moral de tudo isso em uma afirmação muito significativa: "O agulhão da morte é o pecado, é a força da pecado é a lei." I Cor. 15:56.

Em outras palavras, até o dia do toque final da imortalidade, os cristãos renascidos têm de contar com os impulsos pecaminosos de sua natureza humana, rejeitando-os basicamente; em conseqüência precisam aceitar a lei de Deus como norma ética vigente para a sua conduta e caráter cristão, e não mero sentimento. Rom. 7.

A Culminação do Plano da Redenção

Os dois capítulos finais da Bíblia estão relacionados com os dois primeiros capítulos de Gênesis. Embora o Paraíso tenha sido perdido por causa de Adão, será restaurado por Cristo. O eterno propósito de Deus para a raça humana logo alcançam seu objetivo por Seus filhos fiéis de todos os tempos – Deus virá morar com eles para sempre e estabelecerá Seu trono neste planeta. Então o eterno concerto de Deus estará consumado para sempre: "Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitam com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." Apoc. 21:3 e 4.

A humanidade não pode criar o paraíso, nem por programas políticos nem por suas boas obras. O homem não pode acabar com a morte ou erradicar o pendo ou Satanás. Mas todas essas esperanças se converterão em realidade quando Aquele que está assentado sobre o trono do Universo proclamar: "*Eis que faço novas todas as coisas.*" Apoc. 21:5. E Deus acrescenta Sua certeza: "Estas palavras são fiéis e verdadeiras." Verso 5.

A Cidade Santa, prometida a Abraão, finalmente *descerá do Céu* como a Nova Jerusalém, ou habitação de Deus. Isso será o Céu na Terra, porque o Céu é, por definição, a presença de Deus e de Jesus Cristo . Estamos agora no "inverno do cristão" com seus ventos gelados de aflição. "Mas num futuro próximo, quando Cristo vier, os sofrimentos e os suspiros terminarão para sempre. Isto será o verão do cristão. Todas as provações terão findado, e ali não haverá mais enfermidade ou morte". – E. G. White, *S. D. A. Bible Commentary*, vol. 7, pág. 988.

Como no Paraíso perdido, assim no Paraíso recuperado a árvore da vida será necessária. Apoc. 22:1, 2, 14. Mesmo na glória imortal os santos devem reconhecer sua dependência de Deus quanto à vida, comendo do seu fruto doador de vida como o antídoto da morte.

Adão e Eva perderam seu direito à vida por causa de sua desobediência voluntária à vontade de Deus. Cristo nos devolve o direito à árvore da vida pelos méritos de Sua obediência e pela virtude transformadora de Seu Espírito. "Porque,

como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos." Rom. 5:19.

O propósito do plano divino de salvação é transformar uma vez por todas os seres indignos e rebeldes em filhos dignos e obedientes. Cristo não morreu em vão: "Ele verá o fruto do penoso trabalho de Sua alma, e ficam satisfeitos." Isa. 53:11.

Quem terá "direito" à vida imortal?

"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas." Apoc. 22:14.

"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, [ou, que guardam os Seus mandamentos] para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas." Apoc. 22:14, Versão Almeida Revista e Corrigida.

As condições de acesso à árvore da vida expressas nessas duas diferentes versões, são realmente uma só, porque lavar as "vestiduras" simbolicamente representa obter um caráter santo e agir corretamente. Apoc. 19:8. Essa santidade moral só é obtida mediante o poder purificador do sangue do Cordeiro. Apoc. 7:14. Na Nova Terra, onde quer que morem os remidos, haverá santidade universal. Ali não haverá mais sumos sacerdotes nem dignitários chamados "Santos ao Senhor". Êxo. 28:36-38.

Na Nova Jerusalém, todos e todas as coisas serão consagradas a Deus e purificados, como predisseram os antigos profetas:

"Naquele dia será gravado nas campainhas dos cavalos: Santo ao Senhor; e as painéis na casa do Senhor serão como as bacias diante do altar; sim, todas as painéis em Jerusalém e Judá serão santas ao Senhor dos Exércitos." Zac. 14:20 e 21.

"Assim diz o Senhor Deus: Nenhum estrangeiro que se encontra no meio dos filhos de Israel, incircunciso de coração ou incircunciso de carne, entrará no Meu santuário." Ezeq. 44:9.

A condição para ter participação na árvore da vida está declarada surpreendentemente no tempo presente. Apoc. 22:14. Isso mostra que a descrição da glória futura não é só para nossa informação, mas acima de tudo para motivar-nos à obediência e à santidade agora, para caminharmos habitualmente com Deus agora, para sermos vencedores aqui e agora. Comparar com Miq. 6:8. Essa santidade prática será a linha de demarcação entre os redimidos e aqueles que deverão estar "fora" da Nova Jerusalém. Apoc. 22:15; comparar com 21:8.

Escreve João: "Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus." Apoc. 2:7. "O vencedor herdará estas coisas, e Eu lhe serei Deus e ele Me será filho." Apoc. 21:7.